

PORTO DESIGN BIENNALE

Instalada na Alameda das Fontainhas, "House of Echoes" de Didier Fiúza Faustino, reinterpreta o espigueiro do norte de Portugal, transformando-o numa cápsula sonora construída com materiais reciclados. (...) Em "New Diner", concebido para o Restaurante Solidário da Baixa, Matali Crasset propõe uma intervenção interior que renova o espaço existente e o seu sentido de hospitalidade. Inspirando-se nos azulejos originais, a designer francesa criou um conjunto de mobiliário, ...

MATALI CRASSET [P26]
DIDIER FIÚZA FAUSTINO [P26]

Installed on the Alameda das Fontainhas, "House of Echoes", from Didider Fiúza Faustino, reinterprets the traditional granary of northern Portugal, transforming it into a sound capsule built with recycled materials. (...) In "New Diner", designed for the Restaurante Solidário da Baixa, Matali Crasset proposes an interior intervention that renews the existing space and reinforces its social role. Inspired by the restaurant's original tiles, she designed a set of furniture and graphic elements that reconfigure the environment and extend the idea of gathering and sharing.

A partir dessa ruína inacabada, a artista constrói uma peça que prolonga e reinterpreta o lugar através da combinação de 31 vigas metálicas, 15 painéis de betão pigmentado em vermelho e 3 elementos em aço inox polido. O resultado é uma presença simultaneamente sólida e aberta, em que a ideia de construção e de colapso coexistem. Como refere a artista, o interesse está nos "processos de construção, desconstrução, de ruína – na ideia de algo que, de certo modo, se desmorona mas permanece fixo".

FERNANDA FRAGATEIRO [P24]

From this unfinished ruin, the artist builds a piece that extends and reinterprets the place through the combination of 31 steel beams, 15 red-pigmented concrete panels, and 3 elements in polished stainless steel. The result is a presence that is at once solid and open, where the ideas of construction and collapse coexist. As the artist notes, her interest lies in "processes of construction, deconstruction, of ruin – in the idea of something that, in a certain way, is falling apart yet remains fixed."

Concebido pelos estúdios ELE Arkitektura e GA Estudio, em parceria com os arquitetos Florencia Galecio e Juan Gubbins, o projeto propõe uma arquitetura efêmera que reconcilia a cidade com o território agrícola que a sustenta. Inspirado no esparto, fibra vegetal tradicionalmente usada na cestaria e na construção mediterrânea, o pavilhão ergue uma grande sombra suspensa que filtra a luz, cria conforto térmico e devolve à praça um microclima habitável.

**GA ESTUDIO, ELE ARKITEKTURA,
FLORENCIA GALECIO & JUAN GUBBINS [P25]**

Designed by the studios ELE Arkitektura and GA Estudio, together with architects Florencia Galecio and Juan Gubbins, the project proposes an ephemeral architecture that reconnects the city with the agricultural landscape that sustains it. Inspired by esparto grass – a vegetal fibre traditionally used in Mediterranean basketry and construction – the pavilion creates a large suspended canopy that filters light, provides thermal comfort, and generates a habitable microclimate within the square.

BRAGA 25

[FORMA DE VIZINHANÇA]

ATA ATELIER [P28]
COLECTIVO RAM [P29]
PATRÍCIA DA SILVA [P29]
LIMIT ARCHITECTURE STUDIO [P30]
MANUEL BOUZAS [P30]
NUNO MELO SOUSA [P31]

BIENNALE ARCHITETTURA [LA BIENNALE DI VENEZIA]

PEDRO ALONSO & PAMELA PRADO [P22]

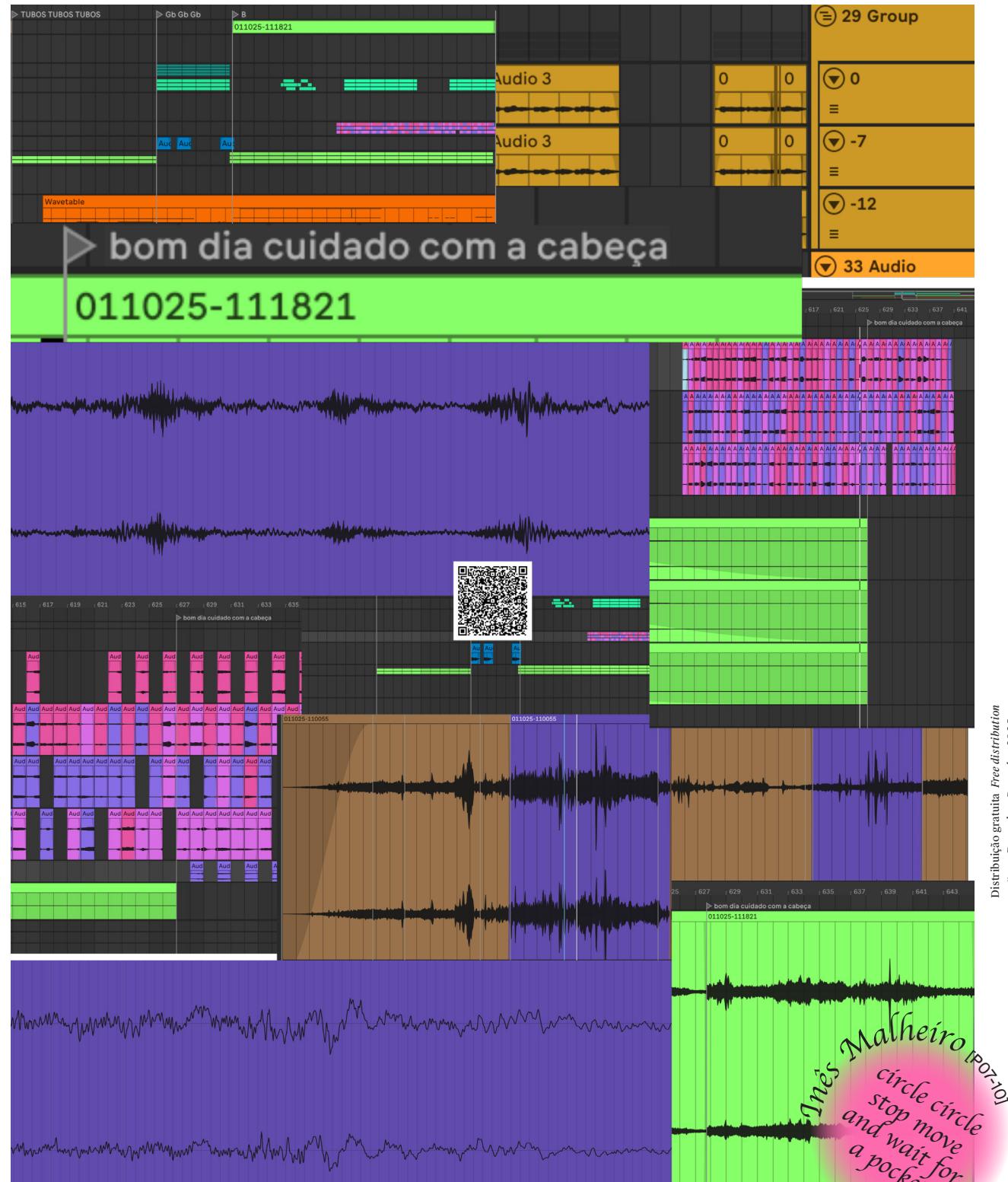
A construção reúne um conjunto de "objetos ecotécnicos": painéis solares, turbina eólica doméstica, sistemas de recolha e reaproveitamento de água atmosférica, uma microestufa, e equipamentos de baixo consumo energético, entre eles um duche de névoa e uma cozinha solar. O módulo funciona como um laboratório habitável, testando a produção e o uso eficiente de recursos...

The construction brings together a set of "ecotechnical objects": solar panels, a domestic wind turbine, systems for harvesting and reusing atmospheric water, a micro-greenhouse, and low-energy appliances, including a fog shower and a solar kitchen. The module functions as a habitable laboratory, testing the production and efficient use of resources...

MANUEL BOUZAS & ROI SALGUEIRO [P23]

Apresentada no Pavilhão de Espanha da 19.^a Exposição Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia, a exposição Internalities propõe uma nova ética construtiva em que os impactos ambientais deixam de ser ocultados para serem incorporados nos próprios processos de projeto e construção. Curada pelos arquitetos Manuel Bouzas e Roi Salgueiro, a mostra reúne 16 projetos de estúdios espanhóis...

Presented at the Spanish Pavilion of the 19th International Architecture Exhibition – La Biennale di Venezia, the exhibition Internalities proposes a new constructive ethic in which environmental impacts are no longer hidden but internalised within design and building processes themselves. Curated by architects Manuel Bouzas and Roi Salgueiro, the exhibition brings together 16 projects by Spanish architecture studios, ...



Colaborações Contributors
Inês Malheiro

Imagen da capa Cover image
Inês Malheiro

Editorial & Design
Francisca Barros, ArtWorks

Tradução Translation
ArtWorks

Impressão Printing
ORGAL Impressores

Tiragem Print Run
800

Depósito Legal Legal Deposit
535895/24

Fotografia Photography
Bruno Lança, ArtWorks
Bernardo Bordalo, ArtWorks
Pedro Soares, ArtWorks

Contactos Contacts
info@artworks.pt
info@noentulho.com
@aw_artworks @noentulho

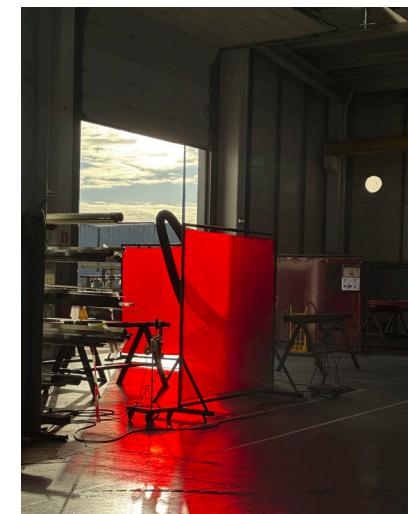
Obrigada Thank you

Esta edição foi escrita em português de Portugal. A adoção do acordo ortográfico em vigor ficou ao critério de cada autor.

©2025 ArtWorks

Index

- 03 **Caderno de Produção nº1**
07 *circle circle stop move and wait for a pocket*
11 **chatchatchatchatchat**
13 **HIGH LIGHT**
14 **2026**
16 **NO ENTULHO**
Marryam Moma & Charity Hamidullah
Maria Constanza Ferreira
Filipa Tojal
Christian Lagata
- 20 **backfactory**
22 **artworks**
Pedro Alonso & Pamela Prado
Manuel Bouzas & Roi Salgueiro
Fernanda Fragateiro
GA Estudio, ELE Arkitektura, Florencia Galecio & Juan Gubbins
Didier Fiúza Faustino
Matali Crasset
Yves Béhar
ATA Atelier
Colectivo RAM
Patrícia da Silva
LIMIT ARchitecture Studio
- 31 **!!!!!!**



©Bruno Lança, ArtWorks

A imagem da capa deste jornal resulta de um levantamento sonoro realizado por Inês Malheiro, a partir da gravação dos ruídos da fábrica da ArWorks. Baseado nesse material, Inês criou uma peça sonora e quatro ilustrações, que podem ser folheadas nas páginas 7, 8, 9 e 10. A Inês cria narrativas sonoras utilizando a voz como matéria-prima, sejam improvisadas ou premeditadas - reciclagem, vozes e canções quebradas.

The cover image of this newspaper is the result of a sound survey conducted by Inês Malheiro, based on recordings of the ArtWorks factory's noises. From this material, Inês created a sound piece and four illustrations, which can be found on pages 7, 8, 9, and 10. Inês Malheiro creates sound narratives using the voice as raw material - improvised or composed, recycled voices and broken songs.

SOBRE O TRABALHO E O INSTANTE ANTES DE ACONTECER ON WORK, AND THE INSTANT BEFORE IT HAPPENS

Ainda não chegou ninguém, mas o ar já se organiza. As coisas mantêm-se quietas, concentradas, a aproveitar os últimos minutos antes que a rotina volte a impor-se. O trabalho começava muitas vezes assim, apenas um corpo atrás do outro a tentar acertar, com um silêncio que não é espera, é preparação. Às vezes o início não é começo nenhum, é apenas a continuação do que nunca parou.

Junto à porta, uma figura de camisola preta segurava o momento entre o abrir e o fechar. Os dedos tocavam o metal com cuidado, como se tivessem consciência de que uma porta também é uma fronteira e toda a fronteira tem um custo. Diziam que tudo tinha começado com uma marca na parede: o vestígio de uma mão que ficara tempo a mais. Passaram turnos, passou a tarde e a figura manteve-se ali. Não explicou, não perguntou. Ficou imóvel, como se o tempo a tivesse escolhido para vigiar o que ainda não estava terminado.

Os primeiros sinais chegaram sem aviso. Uma junta que se via quando devia ser cega, um desvio pequeno, impossível de medir como antes. Vieram desenhos, medidas, garantias. Veio também a pressa, como sempre. Mas a matéria raramente cede à pressa; tem o seu tempo próprio, uma forma de resistência que não é teimosia, é memória. É nesse trabalho lento que a ideia começa a encontrar as forças que a podem sustentar – matéria, peso, estrutura, limite – e se vai ajustando sem perder o que a originou. O trabalho torna-se então tradução. Traduzir não é obedecer nem contrariar, é procurar até a intenção caber dentro da matéria. E, quase sempre, o mais difícil não é fazer, é reconhecer o instante em que se pode fazer.

Houve um instante em que o espaço inteiro parou sem ninguém notar. Lá em cima, entre as vigas, um peso pendia dos cabos à espera de um sinal. As luvas moviam o comando devagar, com a gravidade de quem sabe o que está em jogo quando o corpo e a máquina se entendem mal. Um clique. Uma pausa. Outro clique. Ouviu-se um som curto, como um metal a acordar. Ninguém correu. Cada um tomou o seu lugar sem precisar de ordens. Uma mão num ponto discreto, um ajuste, um peso trazido para o lado certo. Um movimento pequeno que impediu o erro antes de nascer. O acontecimento foi precisamente o que não aconteceu.

A figura estava lá em baixo. Continuava imóvel, talvez a medir um desvio que só ela via. Há decisões que se preparam assim; o corpo inclina-se de uma forma quase imperceptível, como quem entende que parar pode ser a forma mais alta de agir. A camisola era a mesma, preta, suja – não de desleixo, mas de repetição – com sinais de quem já esteve demasiado tempo onde o corpo não se pode distrair. Não consultou ninguém. Desceu. Apanhou do chão um objeto que não devia estar ali. Encostou a mão à mesa e reconheceu-lhe as cicatrizes, como quem lê uma febre antiga. Ajustou o que era preciso ajustar e o que se movia deteve-se, talvez por respeito. O espaço manteve-se suspenso, como se aquele gesto tivesse bastado.

Depois disso, o tempo deixou de caber em horas. Passou a medir-se em decisões: as que avançam, as que esperam, as que se recusam. Até as máquinas pareciam entender essa pausa. Uma delas ficou parada junto ao portão, quente ainda, como um animal que respira depois do esforço. Chegou um pedido novo, limpo, impaciente. Ninguém respondeu. Esperámos que a exigência mostrasse o que valia. O rigor vive nesse meio milímetro que separa a pressa do cuidado. Às vezes, é aí que o dia inteiro se decide.

A noite, voltei ao corredor da primeira porta. Já não havia marca nenhuma na parede. Encostei a mão ao mesmo sítio. Senti apenas a ausência do que podia ter cedido e pensei que talvez fosse isso o que chamamos resultado: o que não cedeu. Trabalhar aqui é estar no meio da matéria, do tempo, do erro. Há dias em que tudo se encaixa, como se o mundo tivesse ensaiado connosco, outros em que o esforço é cego. O que se faz bem não precisa de explicação. O que se impede, menos ainda. É uma sensação estranha esta, saber que o que nos define não é o que mostramos, é o que impedimos que aconteça.

No dia seguinte ninguém falou da camisola preta, do peso nos cabos, do gesto, da espera. Falaram do que veio depois. Talvez seja assim que deve ser. Quando o trabalho corre bem, o mundo continua e ninguém percebe o risco que esteve para não continuar. É esse o segredo da técnica: parecer inevitável. O relatório registará tempos e custos, mas o essencial ficará fora das tabelas. Ficará na mão que interrompe a tempo, nesse instante em que o erro ainda é apenas possibilidade.

No one has arrived yet, but the air is already arranging itself. Things remain still, focused, taking advantage of the last minutes before routine imposes itself again. Work often began this way, just one body behind another trying to get it right, with a silence that isn't waiting but preparation. Sometimes the beginning isn't a beginning at all; it's simply the continuation of what never stopped.

By the door, a figure in a black shirt held the moment between opening and closing. Its fingers touched the metal carefully, as if aware that a door is also a threshold, and every threshold has a cost. They said it had all started with a mark on the wall: the trace of a hand that had stayed too long. Shifts went by, the afternoon passed, and the figure stayed there. It didn't explain, didn't ask. It remained still, as if time had chosen it to watch over what was not yet finished.

The first signs came without warning. A joint that showed when it should have been hidden, a slight deviation, impossible to measure the way it had been before. Drawings came, measurements, assurances. Haste came too, as always. But matter rarely yields to haste; it has its own time, a form of resistance that isn't stubbornness but memory. In that slow work, the idea begins to find the forces that can sustain it – matter, weight, structure, limit – and keeps adjusting without losing what first set it in motion. Work then becomes translation. To translate is neither to obey nor to oppose; it is to search until intention fits inside matter. And almost always, the hardest part isn't doing; it's recognizing the instant in which one can act.

There was a moment when the whole space stopped and no one noticed. Up above, between the beams, a weight hung from the cables, waiting for a signal. Gloved hands moved the controller slowly, with the gravity of someone who knows what is at stake when body and machine fail to understand one another. A click. A pause. Another click. A short sound, like metal wakening. No one ran. Each person took their place without needing orders. A hand at a discreet point, an adjustment, a weight brought to the right side. A small movement that stopped the error before it was born. The event was precisely what didn't happen.

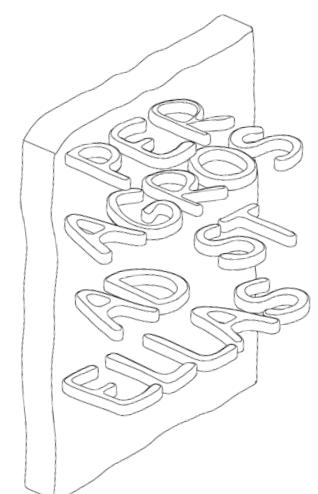
The figure was down below. Still motionless, perhaps measuring a deviation only it could see. Some decisions are prepared like this; the body tilts in an almost imperceptible way, like someone who understands that stopping can be the highest form of action. The shirt was the same, black, dirty – not from neglect but from repetition – marked by someone who has spent too long where the body cannot afford distraction. It didn't consult anyone. It came down. Picked up an object from the floor that had no business being there. It rested a hand on the table and recognized its scars, like someone reading an old fever. It adjusted what needed adjusting, and what was moving stopped, perhaps out of respect. The space remained suspended, as if that single gesture had been enough.

After that, time no longer fit inside hours. It began to be measured in decisions: the ones that advance, the ones that wait, the ones that refuse. Even the machines seemed to understand that pause. One of them stood still by the gate, still warm, like an animal breathing after exertion. A new request arrived – clean, impatient. No one answered. We waited for the demand to show what it was worth. Rigor lives in that half millimeter that separates haste from care. Sometimes the whole day is decided there.

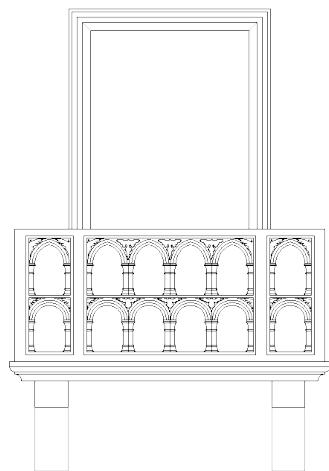
At night, I went back to the corridor of the first door. There was no mark left on the wall. I placed my hand in the same place. I felt only the absence of what might have given way, and thought that maybe that is what we call a result: what did not yield. To work here is to stand in the middle of matter, of time, of error. There are days when everything fits, as if the world had rehearsed with us; others when the effort is blind. What is done well needs no explanation. What is prevented, even less. It's a strange feeling, knowing that what defines us isn't what we show but what we keep from happening.

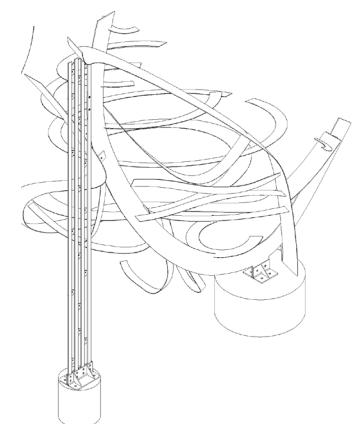
The next day no one spoke of the black shirt, the weight on the cables, the gesture, the waiting. They spoke of what came after. Maybe that's how it should be. When the work goes well, the world goes on and no one sees the risk it almost didn't survive. That is the secret of technique: to appear inevitable. The report will record times and costs, but the essential will remain outside the tables. It will remain in the hand that stops in time, in that instant when error is still only a possibility.

José Miguel Pinto



Isabel Cordovil, "Juliet and Juliet", Grande Hall, MACAM, Lisboa, Portugal, 2025





circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket
circle circle stop move and wait for a pocket

Inês Malheiro

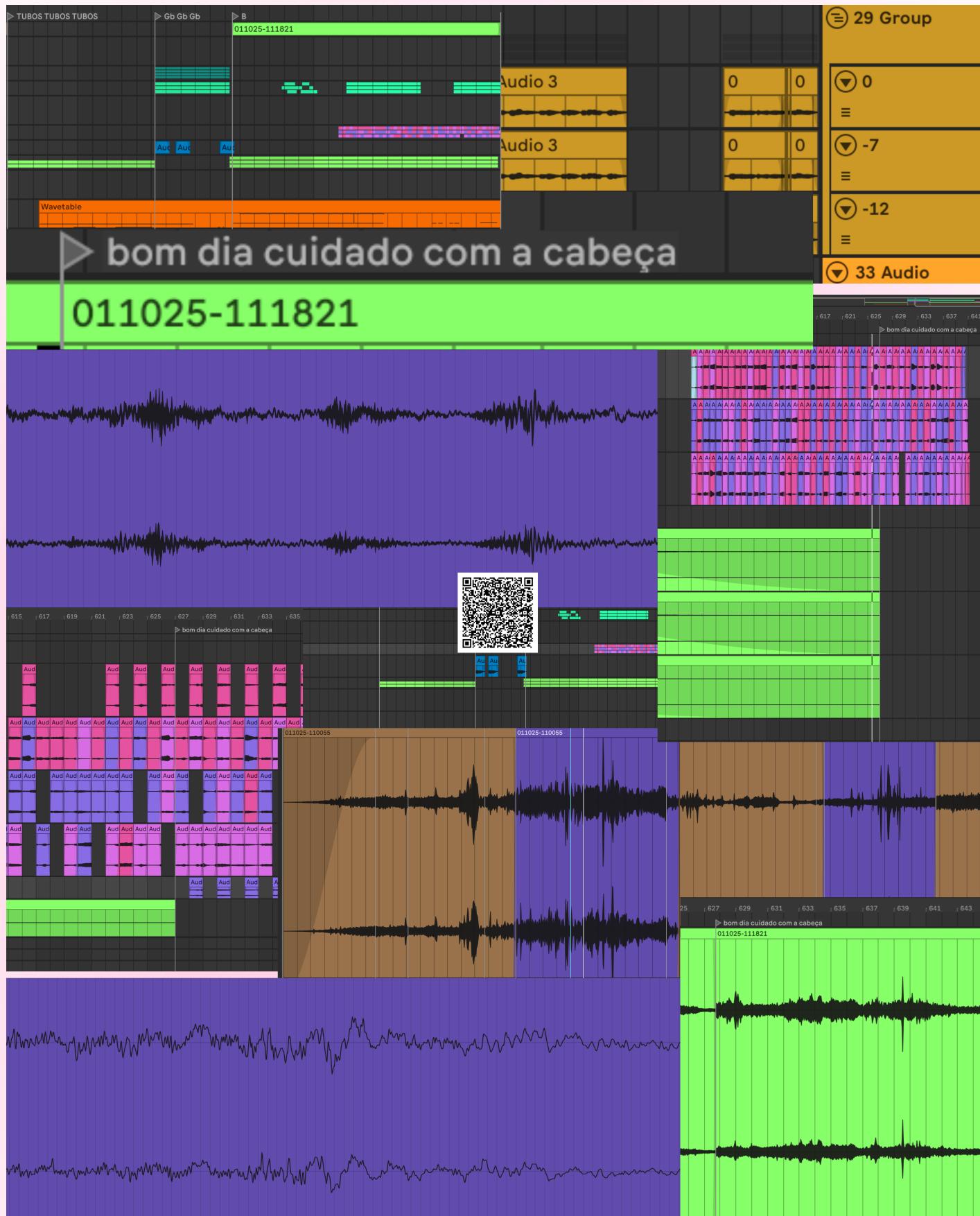


Falámos com a
Inês sobre a possibilidade de,
nesta edição do Jornal, o “artigo convidado” ser desenvolvido
a partir do ruído da fábrica da ArtWorks, assumindo a forma de um artigo sonoro.
Sendo este um projeto editorial impresso, foi igualmente proposto que a peça tivesse uma componente
visual e textual – um elemento capaz de dialogar com o som da fábrica e de construir, em conjunto, uma narrativa gráfica
e ou escrita. Desta proposta nasceu este artigo, que se expande para a plataforma SoundCloud. O QR code pode ser encontrado na última ilustração.

We spoke with Inês about the possibility of developing the “guest article” for this edition of the newspaper from the act of listening to the ArtWorks factory, shaping it as a sound-based article. As this is a printed editorial project, it was also proposed that the piece include a visual and textual component – an element capable of entering into dialogue with the factory’s noise and, together, building a graphic and/or written narrative. From this proposal, this article emerged, extending onto the SoundCloud platform. The QR code can be found in the final illustration.







Inês Malheiro cria narrativas sonoras utilizando a voz como matéria-prima, sejam improvisadas ou premeditadas – reciclagem, vozes e canções quebradas. Em 2022, Inês lançou o seu álbum de estreia, *Deusa Náusea*, pela Lovers and Lollipops, e entre 2018 e 2020 criou a série de músicas *The Endless Chaos Has an End*. Paralelamente ao seu trabalho a solo, Inês compõe para as performances de Sancha Meca Castro, faz parte do trio I'A'V com Violeta Azevedo e Arianna Casellas e com Nuno Loureiro, criou a banda sonora da curta-metragem *Croma, o Sono* (2023), de Pedro Huet. Desde 2020, lançou álbuns em colaboração com amigos, incluindo *Liquify, Spread and Float* (2022) gravado ao vivo no Guimarães Jazz e Canal-Conduto (2020), com Gonçalo Penas, a convite do gnration.

Inês Malheiro creates sound narratives using the voice as raw material – improvised or composed, recycled voices and broken songs. In 2022, Inês released her debut album, *Deusa Náusea*, via Lovers and Lollipops and between 2018 and 2020 created the music series *The endless chaos has an end*. In addition to her solo work, Inês creates music for Sancha Meca Castro's performances, has a trio with Arianna Casellas and Violeta Azevedo, I'A'V, and with Nuno Loureiro, she created the soundtrack for *Croma, o sono* (2023), a short film by Pedro Huet. Since 2020, Inês has released albums with friends: *liquify, spread and float* (2022), an improvised album-performance live at Guimarães Jazz and Canal-Conduto (2020) an album created with Gonçalo Penas, commissioned by gnration.

chatchatchatchatchatchat

Uma conversa entre o Bruno, o Henrique, o outro Bruno e a Kika
A conversation between Bruno, Henrique, the other Bruno and Kika

O Bruno Santos [BS] é natural de Seia, uma cidade do distrito da Guarda. Antes de ser serralheiro na ArtWorks, trabalhou nas mais diversas áreas: em estações de biogás, no fornecimento de botijas de oxigénio, como carteiro, vendedor, criador de cães "sem querer", instalador de portas, passou pela carpintaria e por trabalhos mecânicos. Mas o que mais gostou, e ainda gosta de fazer, é dar aulas de Jiu Jitsu, porque diz "gosto de lidar com pessoas, de saber o que elas pensam". Entre junho e julho de 2025, Bruno e Henrique Pavão [HP], artista multidisciplinar de Lisboa, trabalharam juntos, no âmbito das residências artísticas No Entulho, na criação de três máscaras a partir de duas ossadas. Em conversa com eles estiveram Bruno [BL], Kika [KB] (moderadores), Bernardo e Pedro (gravação), no novo estúdio da equipa de audiovisual.



[HP] Está a gravar ou quê?

[BB] Está tudo a gravar!

[BS] Uma das coisas que eu gostava de saber, Henrique, é como é que partiu esta ideia do osso, de criar uma máscara a partir de um osso. Gostava de saber onde foste buscar essa ideia.

[HP] Eu, há pouco tempo, fiz uma exposição em Lisboa, num espaço chamado "Rialto6". Lá tinha uma instalação de uma escultura dentro de uma vitrine que tinha os moldes de um esqueleto de um boi que morreu com a seca de alguns verões atrás, no Alentejo (...) Foi aí que encontrei o esqueleto inteiro. Eram cinquenta e nove moldes, e este era um deles. Esta anca é um dos elementos e, para mim, o mais importante.

[BS] Sim.

[HP] O título da exposição era Ghost Ranch, Rancho Fantasma, que era uma alusão à Georgia O'Keeffe (...). Uma das pinturas da O'Keeffe é a chave para isto. É a paisagem vista através dos orifícios (de um osso). Se vires as pinturas dela, tens essa paisagem do deserto. Tens sempre um contorno, uma espécie de moldura, uma espécie de lente da entrada. Estas máscaras são quase como se tivessem essa utilidade de lentes que remetem para a pintura dela. E depois não só. Depois há esta inversão quase mágica de isto ser outra parte do corpo e não um crânio, não é?

[BS] Exactamente. Sim, sim, sim, sim.

[HP] Formalmente, isto remete muito para esse universo das máscaras. Tens aqui a forma dos olhos...

[BS] ...tem olhos, nariz, tudo!

[HP] E a ideia é que estas máscaras formem um grupo de esculturas, tornando-as cada vez mais funcionais, que não sejam apenas escultóricas, mas também tenham uma função prática. Eventualmente, isto partirá para outra parte do projeto, que será fazer um vídeo com pessoas a usar estas máscaras. Isso foi o ponto de partida.



Apoio de serralheria com o Bruno Santos na residência NE do Henrique Pavão. Metalwork support by Bruno Santos during Henrique Pavão's residency at NE

Bruno Santos [BS] is from Seia, a town in the district of Guarda. Before becoming a metalworker at ArtWorks, he worked in a wide range of areas: in biogas stations, supplying oxygen cylinders, as a postman, salesman, dog breeder "by accident", door installer, carpenter, and mechanic. But what he enjoyed most, and still enjoys, is teaching Jiu Jitsu, because, as he says, "I like dealing with people, finding out what they think." Between June and July 2025, Bruno and Henrique Pavão [HP], a multidisciplinary artist from Lisbon, worked together as part of the No Entulho artist residencies, creating three welding masks from two sets of bones. Joining the conversation were Bruno [BL], Kika [KB] (moderators), and Bernardo and Pedro (recording), in the new audiovisual team studio.

[HP] Are you recording or what?

[BB] Everything's being recorded!

[BS] One thing I wanted to know, Henrique, is how this idea of the bone came about, creating a mask from a bone. I'd like to know where you got that idea from.

[HP] Recently, I had an exhibition in Lisbon, in a space called "Rialto6". There, I had an installation of a sculpture inside a showcase that contained molds of a cow skeleton that had died from drought a few summers ago in Alentejo (...) That's where I found the complete skeleton. There were fifty-nine molds, and this was one of them. This hip is one of the elements, and for me, the most important

[BS] Yes.

[HP] The title of the exhibition was Ghost Ranch, Rancho Fantasma, which was a nod to Georgia O'Keeffe (...). One of O'Keeffe's paintings is the key to this. It's the landscape seen through the holes (of a bone). If you look at her paintings, you have this desert landscape. There's always an outline, a sort of frame, a kind of lens of the entrance. These masks are almost as if they serve the function of lenses that refer to her paintings. And not only that. There's also this almost magical inversion of it being another part of the body, not a skull, right?

[BS] Exactly. Yes, yes, yes, yes.

[HP] Formally, this strongly refers to that universe of masks. You have the shape of the eyes here...

[BS] ...it has eyes, nose, everything!

[HP] And the idea is for these masks to form a group of sculptures, making them increasingly functional, not just sculptural, but also practical. Eventually, this will evolve into another part of the project, which will be making a video with people wearing these masks. That was the starting point.

[BS] Okay, okay.

[HP] About working with you, one of the most interesting things was that I wanted to turn this into a mask, but we didn't have technical drawings, we started from nothing. So, it was a prototype, as if we were designing in 3D or making a full-scale model.

[BS] Actually, we started imagining and creating with some tests and experiments to try to make the holes as outlines. I had never worked with bone before and I confess I was a bit nervous. It might not have seemed like it (laughs), but I was a little bit tense. A little, quite a lot.

[HP] But we did those tests on those prototypes.

[BS] That's why I asked you if the bone was cooked or not, because there are always differences in cooked bone—it might crack or not. I loved doing this work, mainly because of the trust you gave me, the freedom to show some of my creativity within what was possible. And I also appreciate the vote of confidence you gave me and ArtWorks, for sure.

[HP] Yes, of course, and I'm glad it was you!

[BS] We also have other colleagues who are equally professional.

[HP] It was a very important collaboration.

[BS] Things also worked well, not just because of the technical side, but also because of the connection between the collaborator and the artist. There has to be this complicity for us to understand what the artist wants, so we can create as closely as possible to

foste a algumas aulas com ele. E o jiu-jitsu também tem um lado ritualista, acho eu... Podem falar ambos um bocado sobre isto?

[HP] Ahhh, sim! Eu acho que este lado ritualista, ou esta coisa mágica que acontece muitas vezes nos processos de trabalho, encontrei aqui na fábrica contigo (...) Quando o trabalho é verdadeiro, essas coisas acontecem naturalmente e parece que tudo acontece por magia, e tudo se vai encaixando.

[BS] Mas tudo é mágico nesse sentido mesmo.

[HP] E eu encontrei essa magia contigo, que eu acho que tu és muito verdadeiro também no que tu fazes, e isso foi importante. Isso já tem essa carga ritualista e, obviamente, depois as máscaras também têm essa carga. Aliás, isso provavelmente terá que ver com a terceira parte deste trabalho, que é esse vídeo que eu gostava de fazer, que vai envolver a fábrica e alguns rituais que se passam aqui na fábrica e que trazem esse lado ritualista. E eu acho que as artes marciais também têm muito isso.

[BS] Sim. Para já, tem que haver mesmo uma cumplicidade bastante grande, visto que é um desporto em que precisamos de extrema confiança, porque existe muito contacto físico, existe muita entrega. Eu entrego o meu corpo para o outro treinar (...) Eu tive essa oportunidade e esse gosto de te ter dentro do tatami. Daí também ter aberto as portas da maneira como abri (...). O tatami também ajudou a conhecer-te um bocadinho mais, a ver a nossa essência, porque é na hora da aflição que a gente vê a pessoa verdadeiramente.

[HP] Sim, sim.

[BS] Curiosamente, o meu nome de guerra no jiu-jitsu é o Jaburu, que é um pássaro necrófago exclusivo do Pantanal, que tem algumas ligações com os abutres. Talvez tenha sido algum dos meus comparsas que tenha dado o toque ao teu abutre: "Olha lá, vai entregar outra ossada ao Henrique".

(risos)

[BS] Perguntinhas?

[FB] Eu tenho outra. Podem contar a história do João...



[HP] ...Pinto?! Hahaha! Então, quando nós estávamos a fazer as peças, tínhamos que pôr uma protecção nesta parte, porque é uma parte bastante frágil e até tem uma fissura. E tínhamos esta piada, os dois, que tínhamos que pôr uma protecção...

[BS] ...uma fita de papel para reforçar, para não abrir, para não estragar.

[HP] E às tantas eu já estava farto de ver a máscara com a fita de papel e queria ver o osso em contacto com o ferro. E disse ao Bruno: "Tira lá o João Pinto!", porque ele era um jogador de futebol que tinha um penso que usava para poder respirar melhor.

[BS] Para as coisas correrem bem, tem de haver este à vontade, esta confiança, esta liberdade para podermos trabalhar (...) Lembras-te que eu cheguei a dar ideias às duas da manhã, porque de repente acordava com uma ideia: "Espera aí!!" Saltava para a garagem para ir buscar coisas lá do meio do entulho, no meu entulho" (risos).

[BS] Isto só prova que, com boa vontade, a criatividade vem. Esta transparência entre nós também foi essencial (...)

[HP] Acho que sim também. E muito obrigada.

(Aperto de mão)

[BL] Acho que isto é o fim.

[BS] Não é o fim!! Não digas isso, pelo amor de Deus. Não é o fim, isto é o começo!

[BL] E nota-se que a cumplicidade e a amizade que desenvolveram aqui é muito fixe.

[BS] Volto a agradecer ao Henrique por esta oportunidade, independentemente de gostar de trabalhar na serralharia, que gosto. Mas este tipo de serviço é um bocadinho diferente. Deste-me esta oportunidade e volto a agradecer, agora off the record.

[BB] Ainda estás no record.

[BS] A sério? Oh, caraças!

[BB] A partir de agora é que vai ser.

what you have in mind. (...) In this case, it wasn't just my hands, but my hands together with the interaction with you. Thanks for the vote of confidence too.

[HP] *Over time, we complicated things because I wanted more and more functions in the mask.*

[BS] *I really enjoyed this work. More?*

[HP] *More... There was a lot of dialogue between us, and that dialogue helped us find solutions together. It was like we were designing the piece itself from scratch. And that's what made this relationship so special, because it wasn't about showing up with a technical drawing and saying, "Okay, now let's do this."*

[BS] *Exactly. Working with an unknown material becomes more complicated. I think we achieved the goal we wanted, at least for now.*

[HP] *Yes, absolutely. (...) I really wanted to capture a scene of vultures in action. There was something spectacular: by following the vultures, I found more skeletons, and that's why we have three hips and not just one.*

[BS] *We also have to thank the vultures; after all, they helped us find the other pieces.*

[FB] *I have a question: you talked about the origin of the bones and transforming them into masks. But there was another topic we discussed yesterday, which we had talked about before: the ritualistic dimension, which is something that also runs through your practice... This ritualistic side, which you observed both in the vultures and here in the workshop... Also, Bruno practices jiu-jitsu, and you attended some classes with him. And jiu-jitsu also has a ritualistic side, I think... Can you both talk a bit about this?*

[HP] *Ahhh, yes! I think this ritualistic side, or this magical thing that often happens in work processes, I found here in the workshop with you (...) When the work is genuine, these things happen naturally, and it seems like everything happens by magic, and everything falls into place.*

[BS] *But everything is magical in that sense.*

[HP] *And I found that magic with you, and I think you are very genuine in what you do, and that was important. That already has this ritualistic charge, and obviously, the masks also have this charge. In fact, that probably has to do with the third part of this work, which is that video I'd like to make, which will involve the workshop and some rituals that take place here and bring that ritualistic side. And I think martial arts have a lot of this too.*

[BS] *Yes. For now, there has to be really strong complicity since it's a sport that requires extreme trust, because there's a lot of physical contact, a lot of giving yourself. I give my body to the other person to train (...) I had that opportunity and that pleasure of having you on the tatami. That also allowed me to open the doors the way I did (...). The tatami also helped to get to know you a bit more, to see our essence, because it's in moments of stress that you see a person truly.*

[HP] Yes, yes.

[BS] *Interestingly, my jiu-jitsu nickname is Jaburu, which is a necrophagous bird exclusive to the Pantanal, and it has some connections with vultures. Maybe one of my mates gave your vulture the hint: "Look, go deliver another bone to Henrique" (laughs).*

[BS] Any questions?

[FB] I have another... Can you tell João's story?

[HP] ...Pinto?! Hahaha! So, when we were making the pieces, we had to put protection on this part because it's very fragile and even has a fissure. And we had this joke, the two of us, that we had to put some protection...

[BS] ...a paper tape to reinforce it, so it wouldn't open, so it wouldn't break.

[HP] *And at some point, I was tired of seeing the mask with paper tape and wanted to see the bone in contact with the metal. And I said to Bruno: "Take João Pinto off!" because he was a football player who had a pad he used to breathe better.*

[BS] *For things to go well, there has to be this ease, this trust, this freedom to work (...) Do you remember I gave ideas at two in the morning because I suddenly woke up with an idea: "Wait!!" Jumping to the garage to fetch things from the middle of the junk, from my junk" (laughs).*

[BS] *This only proves that with goodwill, creativity comes. This transparency between us was also essential (...)*

[HP] I think so too. And thank you very much. (Handshake)

[BL] I think this is the end.

[BS] It's not the end!! Don't say that, for God's sake. It's not the end, this is the beginning!

[BL] And you can see that the complicity and friendship you've developed here is really cool.

[BS] I want to thank Henrique again for this opportunity, regardless of enjoying working in the metal workshop, which I do. But this kind of job is a bit different. You gave me this opportunity, and I want to thank you again, now off the record.

[BB] You're still on record.

[BS] Really? Oh, man!

[BB] From now on, that's when it'll start.





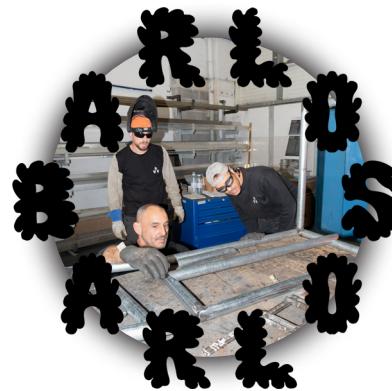
Em novembro, a ArtWorks foi uma das paragens do Concéntrico & Friends Book Tour, dedicado à apresentação do livro “Concéntrico: Laboratório de Inovação Urbana”, publicado pela Circo de Ideias e que assinala os dez anos do festival internacional de arquitetura e design de Logroño. A peça Palo de Mayo voltou a ser ativada, convidando o público a dançar e celebrar em seu redor. O encontro reuniu FAHR 021.3, Brandão Costa Arquitectos, Hori-zonte Arquitectura e Os Especialistas, entre outras pessoas envolvidas no festival.

In November, ArtWorks was one of the stops on the Concéntrico & Friends Book Tour, dedicated to the presentation of the book “Concéntrico: Urban Innovation Laboratory”, published by Circo de Ideias and marking the ten-year anniversary of the international architecture and design festival in Logroño. The Palo de Mayo piece was reactivated, inviting the audience to dance and celebrate around it. The gathering brought together FAHR 021.3, Brandão Costa Arquitectos, Hori-zonte Architecture, and Os Especialistas, among others involved in the festival.



circodeideias

A parceria com o Festival Barlos começou em 2023, mas só em 2025 ganhou forma de residência. O artista convidado, Pedro Moreira, trabalhou no No Entulho enquanto desenvolvia, em paralelo, uma residência com o mestre do figurado português António Ramalho.



The partnership with the Barlos Festival began in 2023, but only in 2025 did it take the form of a residency. The invited artist, Pedro Moreira, worked at No Entulho while simultaneously developing another residency with the master of Portuguese figurative art, António Ramalho.



NO ENTULHO

No Entulho, para além de ser um projeto de residências artísticas, procura também apoiar* artistas e espaços culturais locais através da partilha de materiais excedentes da fábrica da ArtWorks. Um exemplo destes apoio foi com a artista Carolina Fangueiro, na exposição "THIS SCREEN IS WORTH SAVING" apresentada em setembro de 2025 no espaço de projectos artísticos e publicações Mármlol, no Porto.

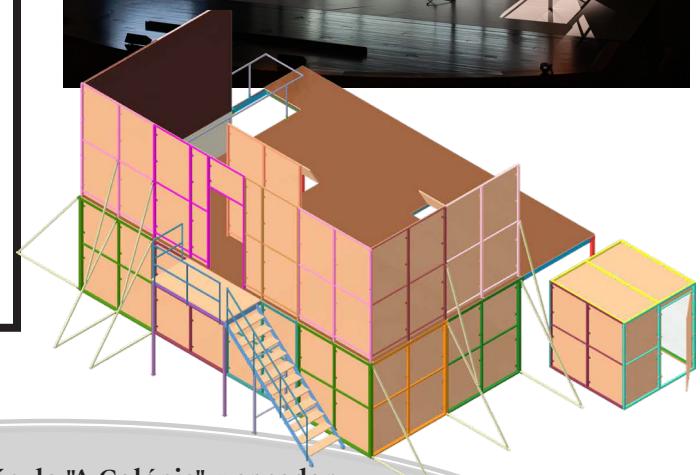
No Entulho, in addition to being an artist residency project, also seeks to support** local artists and cultural spaces by sharing surplus materials from the ArtWorks factory. One of the recently supported artists was Carolina Fangueiro, with her exhibition "THIS SCREEN IS WORTH SAVING", presented in September 2025 at Mármlol, a space dedicated to artistic projects and publications in Porto.

*Processo: envia um e-mail para info@noentulho.com com uma breve descrição do projeto, espaço ou associação, a explicar o propósito dos materiais que pretendem recolher. Depois disso, será agendada uma visita, durante a qual poderão (ou não) encontrar materiais para o que procuram.

**Process: just send an email to info@noentulho.com with a brief description of your project, space, or association, explaining the purpose of the materials you wish to collect. After that, a visit will be scheduled, during which you may – or may not – find materials for your needs.

Em colaboração com o arquiteto Nuno Pimenta, desenvolvemos uma estrutura modular – 11 módulos autoportantes – para a Bienal de Fotografia do Porto (Ci.Clo). O projeto foi redesenhado pela nossa equipa com perfis em fibra reaproveitados de entulho industrial. Este projeto dá continuidade a uma colaboração que se tem vindo a consolidar ao longo do tempo, assente em práticas sustentáveis


In collaboration with architect Nuno Pimenta, we developed a modular structure – 11 self-supporting modules – for the Porto Photography Biennial (Ci.Clo). The project was redesigned by our team using fibre profiles repurposed from industrial waste. This project continues a collaboration that has been steadily strengthened over time, grounded in sustainable practices and support for contemporary artistic creation.



Parabéns ao espetáculo "A Colónia", vencedor

do Globo de Ouro para “Melhor Espetáculo 2025”. Uma coprodução da Culturgest, TNSJ, RTP e Arena Ensemble, com direção de Marco Martins e cenografia de Isabel Cordovil e João Romão (xxx1.studio). A ArtWorks esteve nos bastidores, desenvolvendo, produzindo e montando todo o cenário.


Congratulations to the production "A Colónia", winner of the Golden Globe for Best Performance 2025. A co-production by Culturgest, TNSJ, RTP, and Arena Ensemble, directed by Marco Martins, with set design by Isabel Cordovil and João Romão (xxx1.studio). ArtWorks was behind the scenes, developing, producing, and assembling the entire set.

ARTWORKS

PRODUÇÃO DE ARTE & FÁBRICO ART PRODUCTION & MANUFACTURING

2026

Parque Industrial Amorim, Rua Manuel Dias, 440, 4495-129, Póvoa de Varzim, PORTUGAL. info@artworks.pt / info@noentulho.com +351 252 023 590

JANEIRO
JANUARY

FEVEREIRO
FEBRUARY

MARÇO
MARCH

ABRIL
APRIL

JUNHO
JUNE

MAIO
MAY

AGOSTO
AUGUST

01

02

03

04

05

06

07

08

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

D_S S_M T_T Q_W Q_T S<sub

30 31

SETEMBRO
SEPTEMBER

09

OUTUBRO
OCTOBER

10

NOVEMBRO
NOVEMBER

11

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

D_S S_M T_T Q_W Q_T S_F S_S

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
22	23	24	25	26	27	28

D_S S_M T_T Q_W

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS NOENTULHO

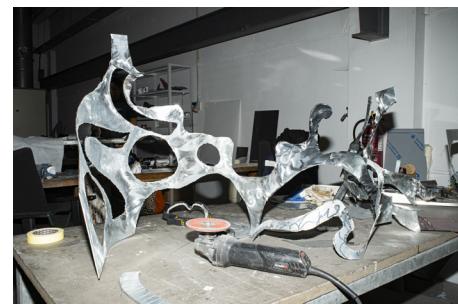
No Entulho (NE) é um programa de residências artísticas desenvolvido pela ArtWorks focado no apoio do circuito artístico. Aqui, os artistas são integrados num contexto fabril com o objectivo central do uso de material excedente da produção industrial - o entulho. Parte fundamental das residências resulta assim desta simbiose entre dois mundos: o fabril e o artístico.



Semana 1: receção e colheita de materiais
Week 1: reception and materials collection



Semana 3: desenvolvimento de técnicas de fibra
Week 3: fiber skill development



Semana 4: desenvolvimento de técnicas de serralharia
Week 4: metalworking skill development



Semana 5 & 6: acabamentos e finalização
Week 5 & 6: finishing and finalization

MARRYAM MOMA & CHARITY HAMIDULLAH

Atlanta Beltline & ArtWorks

duas residências técnicas.
two technical residencies.

O programa de residências artísticas No Entulho estabeleceu uma parceria com a Atlanta BeltLine Inc. (ABI) – uma organização sediada em Atlanta, EUA – criando uma residência centrada na experimentação prática, no desenvolvimento técnico e na criação artística num contexto industrial.

Durante seis semanas, as artistas Marryam Moma e Charity Hamidullah mergulharam no ambiente da ArtWorks, explorando materiais excedentes da fábrica e aprendendo a transformá-los com as próprias mãos. A residência foi organizada por semanas temáticas. Nas duas primeiras, trabalharam livremente com sobras de ferro, inox, alumínio, acrílico, resina, fibra de vidro e espuma de poliuretano – testando, cortando, colando, reinventando. “Aprendi a não desperdiçar – tudo pode crescer e transformar-se noutra coisa”, resumiu Moma, traduzindo o espírito de descoberta que marcou o processo.

Na terceira semana, aprofundaram técnicas de moldagem e construção de

estruturas compósitas, criando uma mão sólida em resina a partir de um molde em alginato dentário e esculturas em espuma de poliuretano.

A quarta foi dedicada à serralharia: corte por plasma, curvatura manual, soldadura (eletrodo, MIG/MAG e TIG) e lixamento – um exercício de precisão técnica e liberdade criativa.

As últimas semanas centraram-se em acabamentos e pintura: aerógrafo, mistura de cores, envernizado. “É natural partilhar espaço, construir e criar em conjunto. Às vezes esquecemo-nos de que podemos pedir ajuda”, refletiu Hamidullah.

De origens distintas – Marryam Moma, tanzaniana-nigeriana, trabalha com colagem analógica e arte pública; Charity Hamidullah, norte-americana, com experiência em tatuagem e muralismo – ambas encontraram, na fábrica, um terreno comum.

“Aprendi a não desperdiçar; tudo pode transformar-se noutra coisa”, voltou a dizer Moma. Hamidullah completou: “Aqui

senti que podia voltar a ser criança. Está tudo bem em explorar, em descobrir uma nova versão de ti própria.”

Entre o ferro e a fibra, esta residência revelou que uma fábrica também pode ser espaço de transformação, partilha e descoberta – onde o entulho se converte, uma vez mais, em matéria dia criação.

The No Entulho artist residency programme established a partnership with Atlanta BeltLine Inc. (ABI) – an organisation based in Atlanta, USA – creating a residency focused on hands-on experimentation, technical development and artistic creation within an industrial context.

For six weeks, artists Marryam Moma and Charity Hamidullah immersed themselves in the ArtWorks environment, exploring surplus factory materials and learning to transform them with their own hands. The residency was organised into themed weeks.

In the first two, they worked freely with remnants of iron, stainless steel, aluminium, acrylic, resin, fibreglass and polyurethane foam – testing, cutting, gluing, reinventing. “I learned not to waste – everything can grow and transform into something else,” summarised Moma, expressing the spirit of discovery that marked the process.

In the third week, they delved into moulding and composite structure techniques, creating a solid resin hand from a dental alginate mould and

sculptures in polyurethane foam.

The fourth week was devoted to metalwork: plasma cutting, manual bending, welding (electrode, MIG/MAG and TIG) and sanding – an exercise in technical precision and creative freedom.

The final weeks focused on finishing and painting: airbrushing, colour mixing and varnishing. “It feels natural to share space, to build and create together. Sometimes we forget that we can ask for help,” reflected Hamidullah.

Coming from distinct backgrounds – Marryam Moma, Tanzanian-Nigerian, works with analogue collage and public art; Charity Hamidullah, American, with a background in tattooing and muralism – both found common ground in the factory.

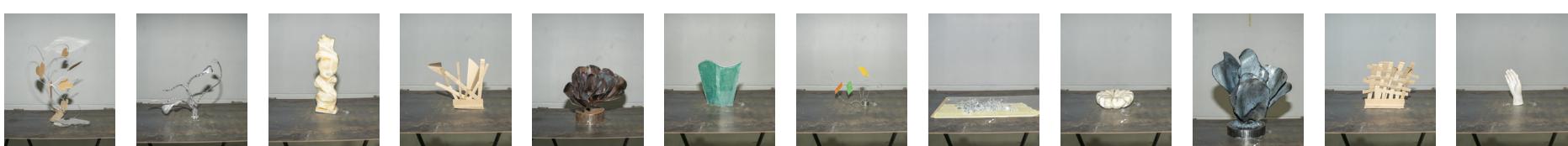
“I learned not to waste; everything can become something else,” Moma repeated. Hamidullah added: “Here I felt I could be a child again. It’s okay to explore, to discover a new version of yourself.”

Between iron and fibre, this residency revealed that a factory can also be a space for transformation, sharing and discovery – where debris is once again turned into creation.



Marryam (Esq.) na serralharia e Charity (Dir.) na oficina de acabamentos, ambas na AW.

Marryam (L.), In the metal workshop, and Charity (R.) In the finishing workshop, both at AW.



Maquetas e protótipos criados por Charity e a Marryam durante a residência.
Models and prototypes created by Charity and Marryam during the residency.

ART RESIDENCIES NOENTULHO

No Entulho (NE) is an artistic residency program developed by ArtWorks, focused on supporting the artistic circuit. Here, artists are assimilated into a factory context with the central objective of using surplus material from industrial production - rubble. A fundamental part of the residencies is the result from this symbiosis between two worlds: the manufacturing and the artistic.

MARIA CONSTANZA FERREIRA

da cristografia à cianotopia
from crystallgraphy to cyanotype

Entre agosto de 2024 e setembro de 2025, Maria Constanza Ferreira integrou o programa de residências No Entulho no formato Casa Aberta – uma modalidade de longa duração que lhe permitiu usar a fábrica como extensão do seu atelier.

Durante mais de um ano, trabalhou num ritmo intenso e contínuo, desenvolvendo peças de grande escala com o apoio das equipas de produção e de coordenação artística da ArtWorks.

A sua prática multidisciplinar – cruzando filme experimental, fotografia, instalação e processos de laboratório – parte da observação da relação entre pessoas e paisagens, naturais ou construídas. Maria procura o que normalmente não se vê: imagens, narrativas e objetos que permanecem invisíveis. Na ArtWorks, explorou técnicas da ciência e da cristalografia para estudar fenómenos de luz e as propriedades autogeradoras de cristais sintéticos.

No projeto "Crystal Landscapes", trabalhou o controlo de calor para expandir a dimensão das peças. Com o apoio da

equipa AW, combinou materiais como alumínio, vidro, resina, inox, pedra e espuma de poliuretano – testando como cada um reagia à luz e ao contacto com os outros. Nos meses seguintes, aplicou a técnica da cianotipia sobre fragmentos de pedra e cacos de vidro recolhidos na zona industrial de Laundos – no "cementerio" de vidros da OTIIMA – criando composições que condensam tempo, matéria e luminosidade.

Parte deste processo foi mostrada na exposição "À Vista de Todos", apresentada na livraria Termita em setembro de 2024.

O trabalho continuou a evoluir e culminou recentemente em "Zona da Meia-Noite", apresentada no Centro Português de Fotografia, em novembro de 2025.

Between August 2024 and September 2025, Maria Constanza Ferreira joined the No Entulho residency programme in the Open House format – a long-term modality that allowed her to use the factory as an extension of her studio. For over a year, she worked at an

intense and continuous rhythm, developing large-scale pieces with the support of the ArtWorks production and artistic coordination teams.

Her multidisciplinary practice – crossing experimental film, photography, installation and laboratory processes – stems from observing the relationship between people and landscapes, both natural and constructed. Maria seeks what is usually unseen: images, narratives and objects that remain invisible. At ArtWorks, she explored scientific and crystallographic techniques to study light phenomena and the self-generating properties of synthetic crystals.

In the project "Crystal Landscapes", she worked with heat control to expand the scale of the pieces. With the support of the AW team, she combined materials such as aluminium, glass, resin, stainless steel, stone and polyurethane foam – testing how each reacted to light and to contact with others. In the following months, she applied the cyanotype technique to fragments of stone and shards of glass collected in the industrial area of Laundos – in OTIIMA's "glass cemetery" – creating compositions that condense time, matter and luminosity.

Part of this process was shown in the exhibition "À Vista de Todos" (In Everyone's Sight), presented at Termita bookshop in September 2024.

The work continued to evolve and recently culminated in "Midnight Zone", presented at the Portuguese Centre for Photography in November 2025.



A "desmultiplicação" de técnicas exploradas pela Marla ao longo da sua residência no formato Casa-Aberta.

The "multiplication" of techniques explored by Marla throughout her residency in the Casa-Aberta format.



Experiências e testes de cianotipia em pedra e papel, realizados pela Marla no exterior da fábrica.
Cyanotype experiments and tests on stone and paper, carried out by Marla in the outdoor area of the factory.



Maqueta e estudo realizada pela artista no âmbito do projeto "Crystal Landscapes".
Model and study created by the artist within the scope of the Crystal Landscapes project.

FILIPA TOJAL

relações de "materiais rígidos"
relationships of "rigid materials"



Pesquisa de cores em superfícies rígidas
Color research on various surfaces

A residência de Filipa Tojal nasceu de uma colaboração com a Escola das Artes da Universidade Autónoma de Lisboa.

A sua prática parte da pintura e estende-se à instalação – uma tentativa de resolver, no espaço e na matéria, questões que começam no plano da tela. Trabalhar com materiais rígidos como ferro e inox foi uma novidade, um verdadeiro “abrir a cabeça”, que trouxe novas relações com a paisagem e com o espaço envolvente.

O desafio levou Filipa a “pensar o espaço da pintura na escultura”.

A escala da fábrica despertou-lhe a necessidade de sair dela: criou uma rota entre a oficina e o campo de milho vizinho, carregando consigo as peças produzidas para “observar a natureza do material e o modo como reflete o que

está à volta”.

Fora do contexto industrial, fotografou o contraste entre a matéria metálica e a organicidade do campo – um exercício que transformou o registo fotográfico numa extensão natural da sua residência.

Durante o processo, passou pela oficina de pintura, onde explorou com o Sr. Américo (técnico de pintura e acabamentos) a pintura sobre metal.

Na serralharia, aprendeu a usar a calandra, a rebarbar, a polir – e recorreu ainda a equipamentos da equipa audiovisual.

Experimentou técnicas novas e escutou os gestos da fábrica. “As pessoas ensinaram-me passos pequenos”, disse.

O resultado foi apresentado na exposição “Entre Superfícies”, na

Escola das Artes U.A. de Lisboa.

A mostra parte da pintura e expande-se para a escultura, a instalação e a fotografia, reunindo fragmentos de papel, vidro e ferro. Alguns dos trabalhos nasceram durante a residência No Entulho, onde o contacto constante com diferentes materiais abriu espaço a novas relações – entre o orgânico e o industrial, entre a pintura e o objeto, entre o gesto e a matéria. É desse encontro que Filipa constrói hoje a sua prática.

Filipa Tojal’s residency was born from a collaboration with the School of Arts at the Autonomous University of Lisbon.

Her practice begins with painting and extends into installation – an attempt to resolve, within space and material, questions that originate on the canvas.

Working with rigid materials such as iron and stainless steel was something new – a real “mind-opener” – bringing new relationships with the landscape and surrounding space.

The challenge led Filipa to “think of the space of painting within sculpture.”

The scale of the factory awakened in her the need to step outside: she created a route between the workshop and the nearby cornfield, carrying the pieces she had made to “observe the nature of the material and the way it reflects what surrounds it.”

Outside the industrial context, she

photographed the contrast between metallic matter and the organic qualities of the field – an exercise that turned photographic documentation into a natural extension of her residency.

During the process, she worked in the painting workshop with Mr. Américo (painting and finishing technician), exploring painting on metal.

In the metal shop, she learned to use the roller, to deburr, to polish – and also made use of audiovisual equipment.

She experimented with new techniques and listened to the gestures of the factory. “People taught me small steps,” she said.

The result was presented in the exhibition “Between Surfaces” (“Entre Superfícies”), at the School of Arts of the A.U. of Lisbon.

The show begins with painting and expands into sculpture, installation and photography, bringing together fragments of paper, glass and iron.

Some of the works were created during the No Entulho residency, where constant contact with different materials opened up space for new relationships – between the organic and the industrial, between painting and object, between gesture and matter. It is from this encounter that Filipa continues to build her practice today.



© Filipa Tojal

Exploração de pintura sobre metal.
Exploration of painting on metal.



© Filipa Tojal

Filipa a observar e a registrar “a natureza do material” num campo de milho próximo.
Filipa observing and recording “the nature of the material” in a nearby cornfield.



CHRISTIAN LAGATA

gestos sobre matéria manipulada
gestures upon manipulated matter



Durante a sua residência artística na fábrica, Christian Lagata ocupou rapidamente o mezanino das residências com um conjunto improvável de materiais: chapas metálicas, faróis de automóveis, portas, grelhas e câmaras de ar de pneus de camião.

Alguns vieram do seu ateliê em Madrid; outros foram comprados no OLX ou recolhidos na oficina vizinha.

Desde o início, chegou com uma ideia clara do que queria desenvolver – peças de grande escala que exigiam planificação –, mas também com abertura para que o contacto com os materiais orientasse o rumo do trabalho.

A sua prática assenta na apropriação e transformação de objetos encontrados. Essa familiaridade com o improviso e com a matéria facilitou-lhe a integração no ambiente industrial da ArtWorks.

A partir desses elementos, o artista construiu composições que insinuam formas ambíguas: corpos, refúgios, estruturas que oscilam entre o orgânico e o mecânico.

"Na minha prática sempre existiu

uma ligação com espaços industriais e terrenos abandonados, sobretudo nas periferias", explica. Essa relação remonta à infância na Andaluzia, marcada por paisagens industriais em desuso. Dessa memória nasce uma tensão entre o frio e o quente, entre o cortante e o acolhedor – uma tentativa de encontrar traços de humanidade num contexto urbano cada vez mais áspero e impessoal.

Durante a residência, o acesso a ferramentas e meios técnicos permitiu-lhe aprofundar a investigação sobre a forma como os materiais respondem ao gesto e à manipulação.

"Não se trata de impor algo ao material, mas de o deixar dialogar com as ferramentas que tenho disponíveis", diz.

Esse diálogo tornou-se visível nas peças criadas com vedações metálicas – um material leve e flexível que, com o apoio da equipa de serralharia, explorou de modo a revelar a sua fragilidade e capacidade de transformação.

O resultado são obras que parecem conter movimento, suspensas entre estrutura e instabilidade, entre

permanência e mutação.

Lagata descreve a experiência na fábrica como um momento particularmente produtivo, tanto pelo contexto como pela proximidade ao fazer:

"Foi uma oportunidade perfeita em termos de tempo e de lugar."

O trabalho desenvolvido serviu também de ponto de partida para a sua próxima exposição, "Metal del verano", inaugurada em novembro no Centro de Criação Contemporânea da Andaluzia.

During his artistic residency at the factory, Christian Lagata quickly occupied the residency mezzanine with an unlikely collection of materials: metal sheets, car headlights, doors, grilles and truck tyre inner tubes.

Some came from his studio in Madrid; others were bought on OLX or collected from the neighbouring workshop.

From the start, he arrived with a clear idea of what he wanted to develop – large-scale works that required planning – but also with openness for the materials themselves to guide the direction of the work.

His practice is rooted in the appropriation and transformation of found objects. This familiarity with improvisation and matter facilitated his integration into the industrial environment of ArtWorks.

From these elements, the artist built compositions that suggest ambiguous forms: bodies, shelters, structures oscillating between the organic and the mechanical.

"In my practice there has always been a connection with industrial spaces and abandoned grounds, especially in the peripheries," he explains.

This relationship dates back to his childhood in Andalusia, marked by disused industrial landscapes.

From that memory arises a tension between the cold and the warm, the sharp and the welcoming – an attempt to find

traces of humanity in an increasingly harsh and impersonal urban context.

During the residency, access to tools and technical resources allowed him to deepen his research into how materials respond to gesture and manipulation.

"It's not about imposing something on the material, but about letting it dialogue with the tools I have available" he says.

This dialogue became visible in the pieces created with metal fencing – a light and flexible material that, with the support of the metalworking team, he explored to reveal its fragility and transformative potential.

The result is a series of works that seem to contain movement, suspended between structure and instability, between permanence and change.

Lagata describes his experience in the factory as a particularly productive moment, both for the context and for the proximity to making:

"It was a perfect opportunity in terms of time and place."

The work developed also served as a starting point for his next exhibition, "Metal del verano", inaugurated in November at the Centre for Contemporary Creation of Andalusia.



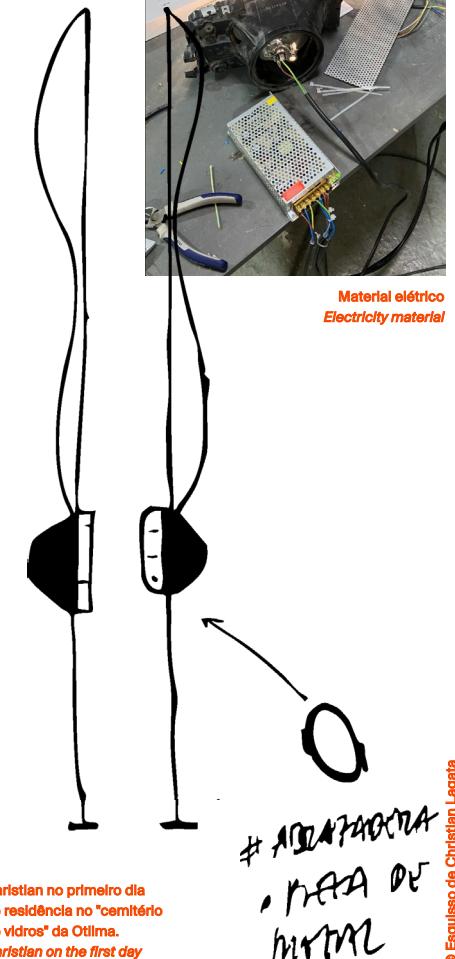
Material elétrico
Electricity material



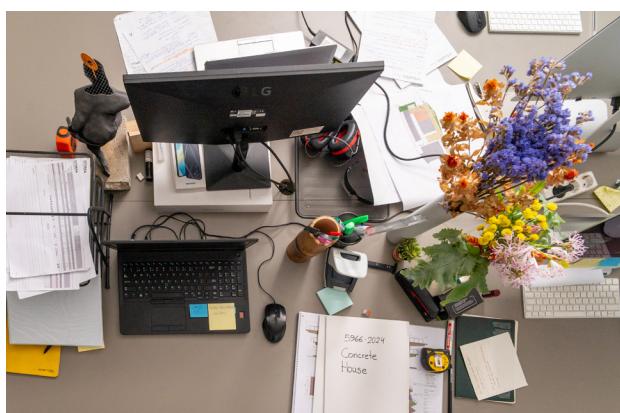
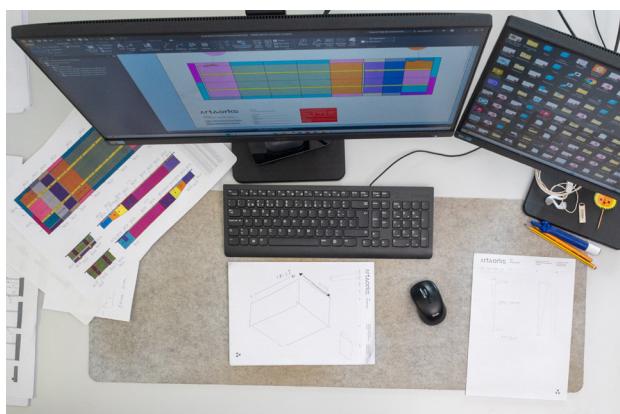
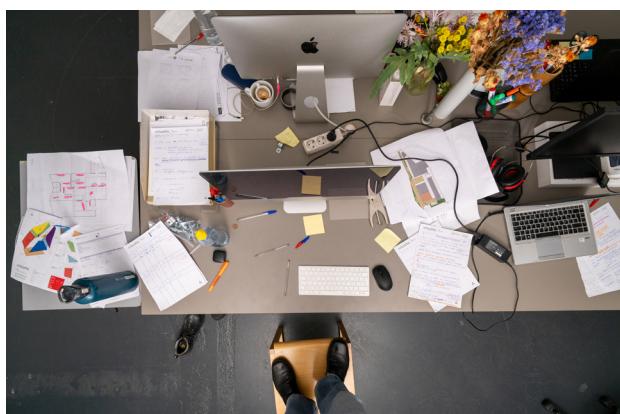
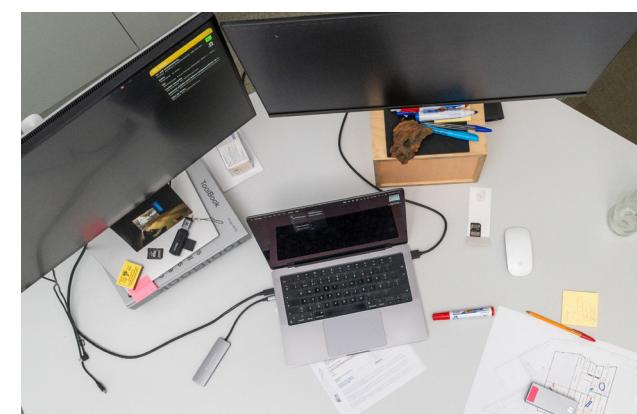
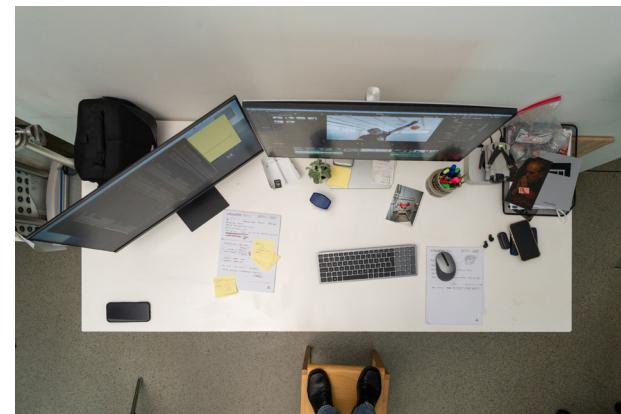
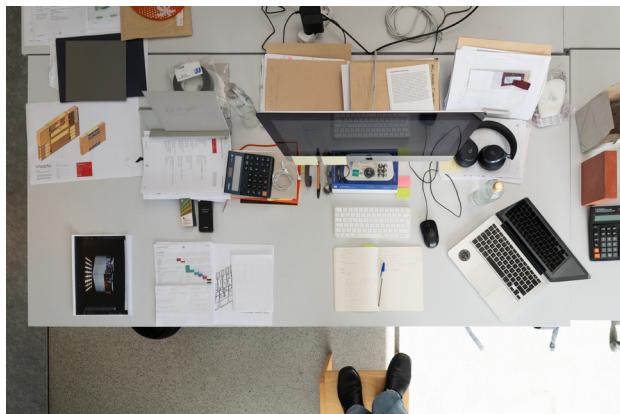
Preparação do material recolhido pelo artista para a oficina de serralharia
Preparation of materials collected by the artist for the metalworkshop.



Christian no primeiro dia de residência no "cementerio de vidros" da Orlma.
Christian on the first day of his residency at Orlma's glass cemetery.

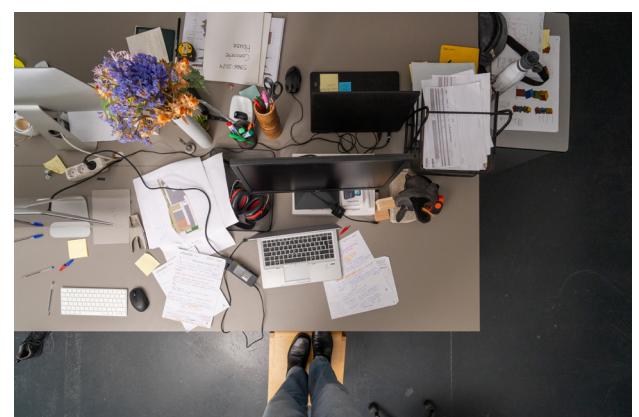
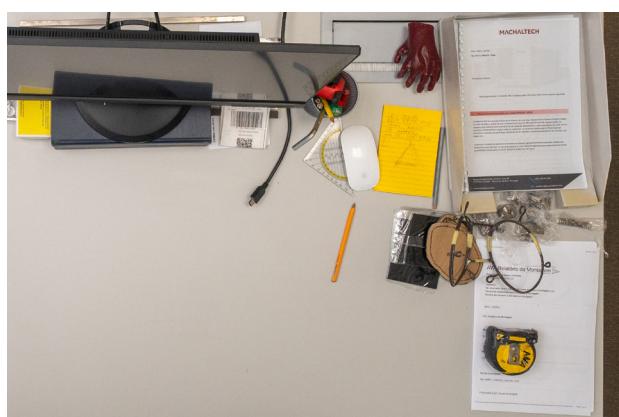
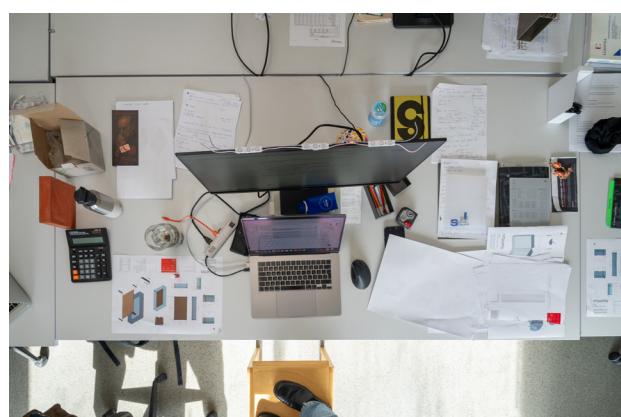
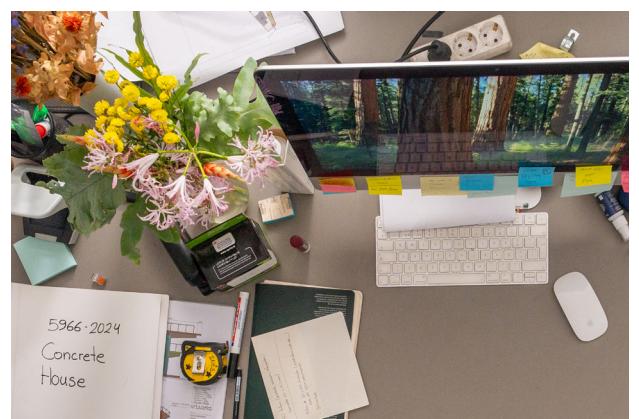
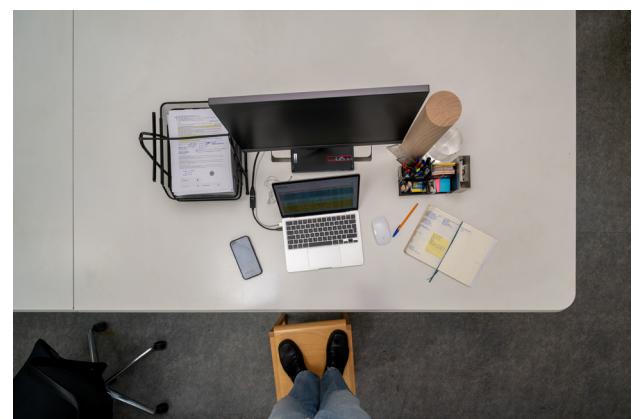
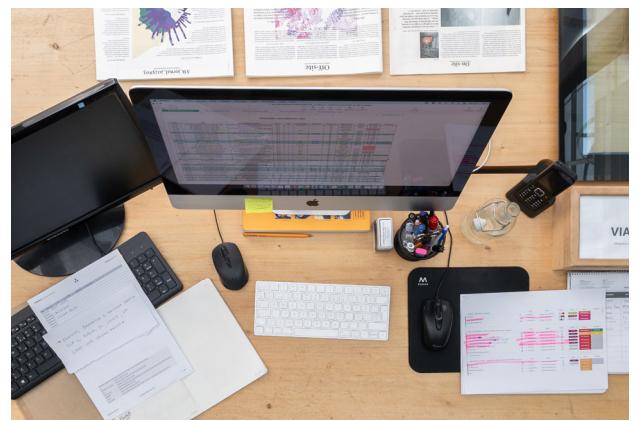
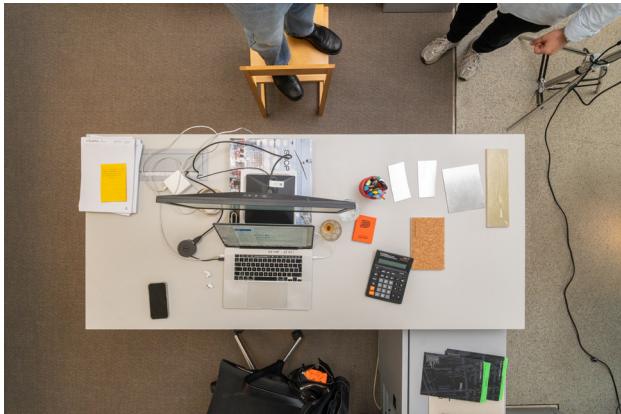


Esboço de Christian Lagata
Sketch by Christian Lagata



**Secretárias dos trabalhadores da ArtWorks.
ArtWorks workers' desks.**





Pedro Alonso & Pamela Prado

[BIENNALE ARCHITETTURA 2025, VENEZIA]



O projeto resulta de uma colaboração entre a Pontifícia Universidad Católica de Chile, Royal Danish Academy e o atelier SUMMARY architects, com produção, prefabricação e montagem realizadas pela ArtWorks.

Instalada no Arsenale da Bienal de Veneza de 2025, Deserta Ecofolie é um protótipo de habitação mínima e autossuficiente, concebido pelos arquitetos e investigadores Pedro Alonso e Pamela Prado. A estrutura – um módulo de 16 m² – propõe uma forma de sobrevivência em condições extremas, tomando como referência o deserto do Atacama, no Chile.

A construção reúne um conjunto de “objetos ecotécnicos”: painéis solares, turbina eólica doméstica, sistemas de recolha e reaproveitamento de água atmosférica, uma microestufa, e equipamentos de baixo consumo energético, entre eles um duche de névoa e uma cozinha solar. O módulo funciona como um laboratório habitável, testando a produção e o uso eficiente de recursos – água, energia e alimento – num ciclo fechado e independente da rede.

O projeto resulta de uma colaboração entre a Pontifícia Universidad Católica de Chile, o Royal Danish Academy e o atelier SUMMARY architects, com produção, prefabricação e montagem realizadas pela ArtWorks. Integrando a exposição principal Living Lab da Bienal, Deserta Ecofolie apresenta-se como um exercício de investigação aplicada, onde arquitetura, ciência e técnica se encontram para pensar o habitat no limite: o mínimo possível, no lugar mais inhóspito.

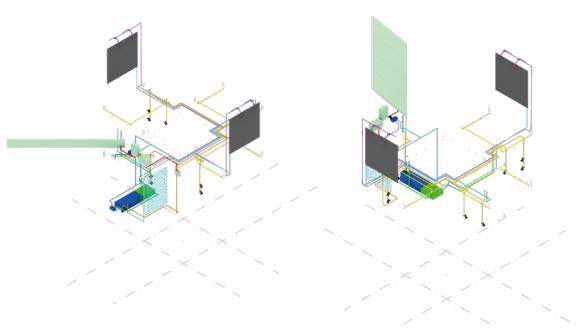
Para a ArtWorks, esta produção representou um desafio técnico singular: conceber, fabricar e montar um sistema complexo e leve, pensado para responder a condições extremas, num contexto internacional e multidisciplinar. Um exercício de precisão e experimentação que reforçou o papel da ArtWorks como parceira na construção de pensamento e forma.

Installed at the Arsenale of the 2025 Venice Architecture Biennale, Deserta Ecofolie is a prototype for minimal and self-sufficient dwelling, conceived by architects and researchers Pedro Alonso and Pamela Prado. The structure – a 16 m² module – proposes a way of inhabiting and surviving under extreme conditions, taking the Atacama Desert in Chile as both reference and testing ground.

The construction brings together a set of “ecotechnical objects”: solar panels, a domestic wind turbine, systems for harvesting and reusing atmospheric water, a micro-greenhouse, and low-energy appliances, including a fog shower and a solar kitchen. The module functions as a habitable laboratory, testing the production and efficient use of resources – water, energy, and food – in a closed, off-grid cycle.

The project results from a collaboration between the Pontifícia Universidad Católica de Chile, the Royal Danish Academy, and SUMMARY architects, with production, prefabrication, and installation carried out by ArtWorks. Presented within the Biennale’s main exhibition Living Lab, Deserta Ecofolie stands as an exercise in applied research – where architecture, science, and technology converge to rethink the act of dwelling at its limit: the minimum possible, in the most inhospitable place.

For ArtWorks, this production represented a singular technical challenge: to design, fabricate, and assemble a light yet complex system, conceived to withstand extreme conditions within an international and multidisciplinary framework. An exercise in precision and experimentation that reaffirmed ArtWorks’ role as a partner in the construction of both thought and form.



Desenhos enviados por Pedro Alonso & Pamela Prado
Drawings sent by Pedro Alonso & Pamela Prado

The project results from a collaboration between the Pontifícia Universidad Católica de Chile, the Royal Danish Academy, and SUMMARY architects, with production, prefabrication, and installation carried out by ArtWorks.



Pedro Alonso & Pamela Prado, "Deserta Ecofolie", Biennale Architettura, Veneza, 2025.

Manuel Bouzas & Roi Salgueiro

[BIENNALE ARCHITETTURA 2025, VENEZIA]

Apresentada no Pavilhão de Espanha da 19.^a Exposição Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia, a exposição Internalities propõe uma nova ética construtiva em que os impactos ambientais deixam de ser ocultados para serem incorporados nos próprios processos de projeto e construção.

Curada pelos arquitetos Manuel Bouzas e Roi Salgueiro, a mostra reúne 16 projetos de estúdios espanhóis e organiza-se em torno de seis salas temáticas: Materiais, Energia, Trabalho, Resíduos, Emissões e Equilíbrio. Todas elas formam um manifesto material e territorial para uma arquitetura de baixo carbono.

A ArtWorks participou na produção expositiva integral, responsável pela construção dos elementos centrais da instalação. Foram produzidas 16 balanças – peças estruturais que suportam as maquetas e simbolizam a busca por equilíbrio entre matéria e impacto –, 149 molduras que compõem a narrativa visual das seis salas e 17 peças de LedNeon, concebidas para integrar a museografia do pavilhão.

A ArtWorks realizou ainda a fabricação e montagem da instalação dos arquitetos Carles Oliver e David Mayol, apresentada na sala Emissions, que investiga o ciclo completo do CO₂ ao longo da vida útil de um edifício, com foco nas Ilhas Baleares.

As peças foram produzidas em madeira de pinho, ferro, acrílico e LedNeon, num trabalho de detalhe e precisão construtiva desenvolvido em articulação com a equipa curatorial e técnica do pavilhão.



© Luis Diaz Diaz, cortesia courtesy Manuel Bouzas & Roi Salgueiro

Presented at the Spanish Pavilion of the 19th International Architecture Exhibition – La Biennale di Venezia, the exhibition Internalities proposes a new constructive ethic in which environmental impacts are no longer hidden but internalised within design and building processes themselves.

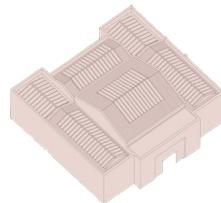
Curated by architects Manuel Bouzas and Roi Salgueiro, the exhibition brings together 16 projects by Spanish architecture studios, organised around six thematic rooms – Materials, Energy, Labour, Waste, Emissions, and Balance. Together, they form a material and territorial manifesto for low-carbon architecture.

ArtWorks participated in the full exhibition production, responsible for the construction of the installation's central elements. The team produced 16 scales – structural pieces supporting the models and symbolising the search for balance between matter and impact –, 149 frames forming the visual narrative of the six rooms, and 17 LedNeon pieces designed to integrate the pavilion's museography.

ArtWorks also carried out the fabrication and assembly of the installation by architects Carles Oliver and David Mayol, presented in the Emissions room, which investigates the complete CO₂ cycle throughout a building's lifespan, with a particular focus on the Balearic Islands.

All components were built in pine wood, iron, acrylic, and LedNeon, in a process of constructive detail and precision developed in close collaboration with the pavilion's curatorial and technical teams.

© Luis Diaz Diaz, cortesia courtesy Manuel Bouzas & Roi Salgueiro



Internalities

Desenhos enviados por Manuel Bouzas & Roi Salgueiro
Drawings sent by Manuel Bouzas & Roi Salgueiro

(...) organiza-se em torno de seis salas temáticas: Materiais, Energia, Trabalho, Resíduos, Emissões e Equilíbrio. Todas elas formam um manifesto material e territorial para uma arquitetura de baixo carbono.

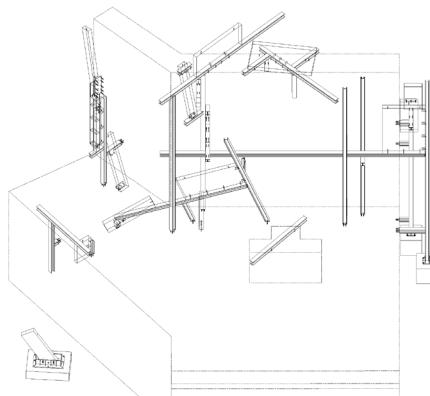
(...) organised around six thematic rooms – Materials, Energy, Labour, Waste, Emissions, and Balance. Together, they form a material and territorial manifesto for low-carbon architecture.



Manuel Bouzas & Roi Salgueiro "Internalities", Biennale Architettura, Veneza, 2025. Produção/ Production



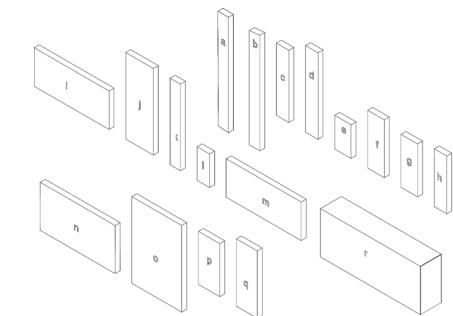
Fernanda Fragateiro



Pormenores técnicos.
Technical details.



Fernanda Fragateiro, "Em Construção", Braga, 2025.



Instalada no jardim da sede da DST, em Braga, Em Construção é a mais recente obra de Fernanda Fragateiro, concebida especificamente para o local. A escultura incorpora uma estrutura de betão pré-existente – vestígio de uma ponte nunca concluída – transformando esse fragmento num ponto de partida para uma nova forma.

A partir dessa ruína inacabada, a artista constrói uma peça que prolonga e reinterpreta o lugar através da combinação de 31 vigas metálicas, 15 painéis de betão pigmentado em vermelho e 3 elementos em aço inox polido. O resultado é uma presença simultaneamente sólida e aberta, em que a ideia de construção e de colapso coexistem.

Como refere a artista, o interesse está nos “processos de construção, desconstrução, de ruína – na ideia de algo que, de certo modo, se desmorona mas permanece fixo”.

A ArtWorks foi responsável pela produção integral da obra, em colaboração directa com Concremat, desenvolvendo tecnicamente a obra, fabricando-a e instalando-a. Um processo que exigiu precisão estrutural e diálogo contínuo com a artista, refletindo a dimensão colaborativa e material que caracteriza a prática da ArtWorks.

(...) o interesse está nos “processos de construção, desconstrução, de ruína – na ideia de algo que, de certo modo, se desmorona mas permanece fixo”.

(...) her interest lies in “processes of construction, deconstruction, of ruin – in the idea of something that, in a certain way, is falling apart yet remains fixed.”

Installed in the garden of DST's headquarters in Braga, Under Construction is the latest work by Fernanda Fragateiro, conceived specifically for this site. The sculpture incorporates a pre-existing concrete structure – the remnant of a bridge that was never completed – transforming that fragment into the starting point for a new form.

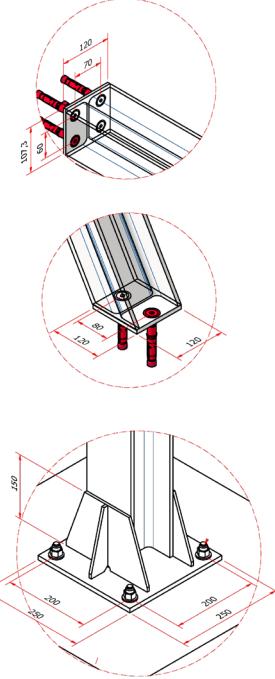
From this unfinished ruin, the artist builds a piece that extends and reinterprets the place through the combination of 31 steel beams, 15 red-pigmented concrete panels, and 3 elements in polished stainless steel. The result is a presence that is at once solid and open, where the ideas of construction and collapse coexist.

As the artist notes, her interest lies in “processes of construction, deconstruction, of ruin – in the idea of something that, in a certain way, is falling apart yet remains fixed.”

Art Works was responsible for the full production of the work, in close collaboration with Concremat – developing the technical design, fabrication, and installation. The process required structural precision and a continuous dialogue with the artist, reflecting the collaborative and material nature that defines Art Works' practice.



Fernanda Fragateiro, "Em Construção", Braga, 2025.
Fabrico/ Manufacture



Pormenores técnicos.
Technical details.

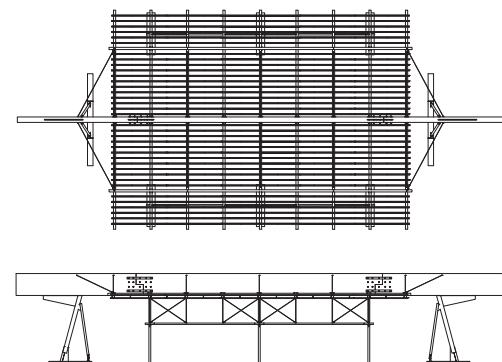
GA Estudio, ELE Arkitektura, Florencia Galecio & Juan Gubbins

Instalado na Plaza del Arquitecto Miguel López, em frente à Casa Mediterrâneo, Espartal é o pavilhão vencedor do TAC! Festival de Arquitetura Urbana 2025, promovido pelo Ministério da Habitação e Agenda Urbana de Espanha em colaboração com a Fundação Arquia.

Concebido pelos estúdios ELE Arkitektura e GA Estudio, em parceria com os arquitetos Florencia Galecio e Juan Gubbins, o projeto propõe uma arquitetura efêmera que reconcilia a cidade com o território agrícola que a sustenta. Inspirado no esparto, fibra vegetal tradicionalmente usada na cestaria e na construção mediterrânicas, o pavilhão ergue uma grande sombra suspensa que filtra a luz, cria conforto térmico e devolve à praça um microclima habitável.

A estrutura, composta por perfis de aço galvanizado e uma malha de madeira da qual pendem feixes de esparto, transforma-se num lugar de encontro e pausa no espaço urbano. Trata-se de um abrigo leve e permeável que reinterpreta técnicas vernaculares com materiais locais.

A ArtWorks realizou a produção e montagem do pavilhão, dividida em duas fases complementares: uma primeira, dedicada ao fabrico das peças únicas que compõem o esqueleto estrutural; e uma segunda, de produção em série, na qual foram preparados e montados mais de 2.000 feixes de esparto que definem a pele e a textura do pavilhão.



Desenhos técnicos
Technical drawings.



[1] Cattedrale Vegetale, Giuliano Mauri, 2010.
[2] Cypress Disc, California, Rick Chapman, 2000.
[3] Cattedrale Vegetale, Giuliano Mauri, 2010.



Referências enviadas pelo GA Estudio, ELE Arkitektura, Florencia Galecio & Juan Gubbins
References sent by GA Estudio, ELE Arkitektura, Florencia Galecio & Juan Gubbins



GA Estudio, ELE Arkitektura, Florencia Galecio & Juan Gubbins,
"Espartal", Festival de Arquitectura Urbana, Alicante, 2025.
Produção/ Production

Installed in Plaza del Arquitecto Miguel López, opposite Casa Mediterrâneo, Espartal is the winning pavilion of the TAC! Urban Architecture Festival 2025, promoted by the Spanish Ministry of Housing and Urban Agenda in collaboration with the Arquia Foundation.

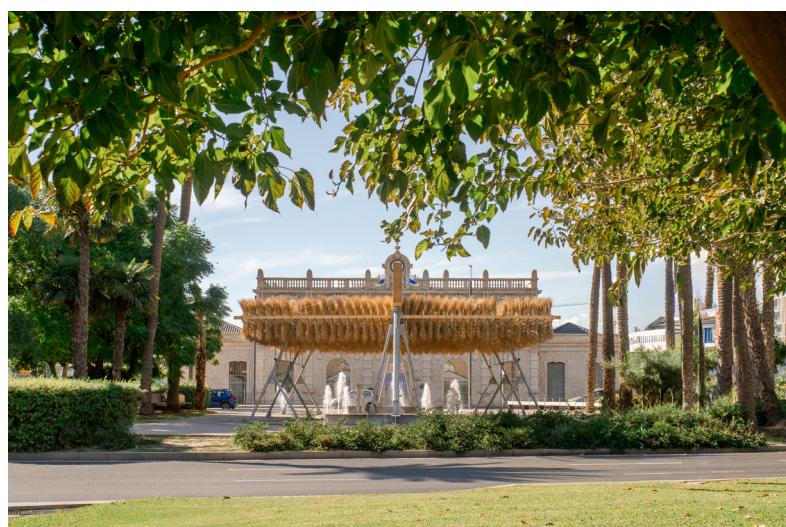
Designed by the studios ELE Arkitektura and GA Estudio, together with architects Florencia Galecio and Juan Gubbins, the project proposes an ephemeral architecture that reconnects the city with the agricultural landscape that sustains it. Inspired by esparto grass – a vegetal fibre traditionally used in Mediterranean basketry and construction – the pavilion creates a large suspended canopy that filters light, provides thermal comfort, and generates a habitable microclimate within the square.

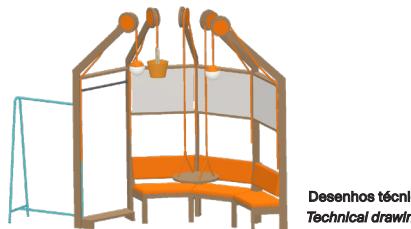
The structure, composed of galvanized steel profiles and a wooden grid from which bundles of esparto are suspended, becomes a space for meeting and pause in the urban fabric – a light, permeable shelter that reinterprets vernacular techniques through local materials.

ArtWorks was responsible for the production and assembly of the pavilion, carried out in two complementary phases: the first focused on the fabrication of unique components forming the structural skeleton; the second on serial production, during which more than 2,000 bundles of esparto were prepared and installed, defining the pavilion's outer skin and texture.

(...) o projeto propõe uma arquitetura efêmera que reconcilia a cidade com o território agrícola que a sustenta.

(...) the project proposes an ephemeral architecture that reconnects the city with the agricultural landscape that sustains it.



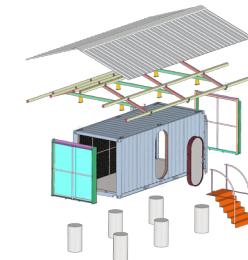


Desenhos técnicos
Technical drawings.

"House of Echoes"

Didier Fiúza Faustino

"New Diner"
Matali Crasset
[PORTO DESIGN BIENNALE, PORTO, 2025]



Sob o tema O Tempo é Presente. Inventar o Comum, a quarta edição da Porto Design Biennale propôs o design como prática política e social, ativando intervenções nas cidades do Porto e Matosinhos sob a forma de Happisodes – projetos vivos concebidos em diálogo com comunidades e instituições locais.

Entre essas intervenções, destacam-se "House of Echoes", de Didier Fiúza Faustino, e "New Diner", de Matali Crasset – duas obras produzidas pela ArtWorks, distintas na escala e no propósito, mas unidas pela mesma ideia de habitar o comum.

Instalada na Alameda das Fontainhas, "House of Echoes" reinterpreta o espigueiro do norte de Portugal, transformando-o numa cápsula sonora construída com materiais reciclados. O espaço funciona como estúdio público, palco e estação de rádio temporária, ativada em colaboração com o Instituto Politécnico do Porto e a Lovers & Lollipops, num programa que combina escuta, criação e experimentação sonora aberta à comunidade. Em "New Diner", concebido para o Restaurante Solidário da Baixa, Matali Crasset propõe uma intervenção interior que renova o espaço existente e o seu sentido de hospitalidade. Inspirando-se nos azulejos originais, a designer francesa criou um conjunto de mobiliário, iluminação e elementos gráficos que ampliam a ideia de partilha e pertença.

A ArtWorks foi responsável pelo desenvolvimento técnico, fabrico e montagem de ambas as obras, acompanhando os artistas e as equipes curatoriais da Biennale desde as fases de produção e prototipagem até à instalação final, num processo colaborativo que articulou arquitetura, design e construção.



Matali Crasset, "New Diner".
Restaurante Solidário da Baixa do Porto, 2025



Didier Fiúza Faustino "House of Echoes".
Alameda das Fontainhas, Porto, 2025.

Under the theme Time Is Present. Designing the Common, the fourth edition of the Porto Design Biennale approached design as a political and social practice, activating interventions across Porto and Matosinhos in the form of Happisodes – living projects conceived in dialogue with local communities and institutions.

Among these interventions, "House of Echoes", by Didier Fiúza Faustino, and "New Diner", by Matali Crasset, stand out – two works produced by ArtWorks, distinct in scale and purpose yet united by the same idea of inhabiting the common.

Installed on the Alameda das Fontainhas, "House of Echoes" reinterprets the traditional granary of northern Portugal, transforming it into a sound capsule built with recycled materials. The space functions as a public studio, stage, and temporary radio station, activated in collaboration with the Polytechnic Institute of Porto and Lovers & Lollipops, through a program that combines listening, creation, and sonic experimentation open to the community.

In "New Diner", designed for the Restaurante Solidário da Baixa, Matali Crasset proposes an interior intervention that renews the existing space and reinforces its social role. Inspired by the restaurant's original tiles, she designed a set of furniture and graphic elements that reconfigure the environment and extend the idea of gathering and sharing.

ArtWorks was responsible for the technical development, fabrication, and installation of both works, accompanying the artists and curatorial teams of the Biennale from the prototype phase to final assembly – a collaborative process bridging architecture, design, and construction.

(...) a designer francesa criou um conjunto de mobiliário, iluminação e elementos gráficos que ampliam a ideia de partilha e pertença.

(...) designed a set of furniture and graphic elements that reconfigure the environment and extend the idea of gathering and sharing.

(...) "House of Echoes" reinterpreta o espigueiro do norte de Portugal, transformando-o numa cápsula sonora construída com materiais reciclados.

(...) "House of Echoes" reinterprets the traditional granary of northern Portugal, transforming it into a sound capsule built with recycled materials.



Matali Crasset, "New Diner", Porto, 2025.
Produção/ Production



Didier Fiúza Faustino "House of Echoes", Porto, 2025.
Produção/ Production



Yves Béhar



Yves Béhar, "Apollonia 2.0", Burning Man, Nevada Desert, 2025.

Desenhado pelo artista e designer Yves Béhar, Apollonia 2.0 é uma escultura móvel que habita a fronteira entre arte, design e engenharia. Concebida como uma “mutant vehicle” – categoria icónica do festival Burning Man, no deserto de Nevada –, a peça materializa a investigação do autor sobre formas circulares e geometrias tangenciais, inspiradas no problema de Apolónio da Grécia: como construir círculos que se tocam sem se cruzar.

A estrutura principal, uma cúpula em aço inox e acrílico dicroico, foi fabricada e pré-montada nas oficinas da ArtWorks, em Portugal. O processo envolveu a modelação tridimensional, corte e dobra de componentes metálicos de alta precisão, e o encaixe de superfícies translúcidas que filtram e refletem a luz solar. Depois de testada e ajustada, a estrutura foi enviada para São Francisco, onde a ArtWorks trabalhou com a equipa da Engineered Artworks na integração do domo num chassis elétrico reciclado.

No deserto de Nevada, Apollonia 2.0 revelou-se como uma presença mutante: refletindo cores durante o dia e emitindo anéis de luz durante a noite. Um objeto em constante transformação, que explora o equilíbrio entre o sagrado e o tecnológico, entre o gesto manual e o cálculo geométrico.

A produção contou com o contributo de João Ferreira e Sérgio Cachibache, integrando uma equipa internacional que deu forma física a um projeto de imaginação e precisão partilhadas.

Designed by artist and designer Yves Béhar, Apollonia 2 is a mobile sculpture that inhabits the boundary between art, design, and engineering. Conceived as a “mutant vehicle” – an iconic category of the Burning Man festival in the Nevada desert – the piece materialises the artist’s ongoing investigation into circular forms and tangential geometries, inspired by Apollonius of Perga’s ancient problem: how to construct circles that touch without crossing.

The main structure, a dome in stainless steel and dichroic acrylic, was fabricated and pre-assembled at the ArtWorks workshops in Portugal. The process involved 3D modelling, high-precision cutting and bending of metallic components, and the assembly of translucent panels that refract and reflect sunlight. After testing and adjustment, the structure was shipped to San Francisco, where ArtWorks collaborated with Engineered Artworks to integrate the dome into a recycled electric chassis.

In the Nevada desert, Apollonia 2 appeared as a changing presence – reflecting colours by day and emitting rings of light by night. A moving object in constant transformation, it explores the balance between the sacred and the technological, between manual craft and geometric calculation.

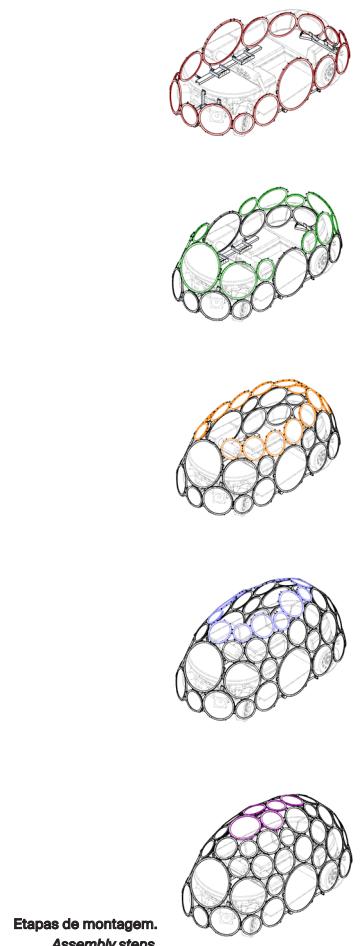
The production was carried out with the contribution of João Ferreira and Sérgio Cachibache, as part of an international team that translated an idea of precision and imagination into physical form.

No deserto de Nevada, Apollonia 2.0 revelou-se como uma presença mutante: refletindo cores durante o dia e emitindo anéis de luz durante a noite.

In the Nevada desert, Apollonia 2 appeared as a changing presence: reflecting colours by day and emitting rings of light by night.



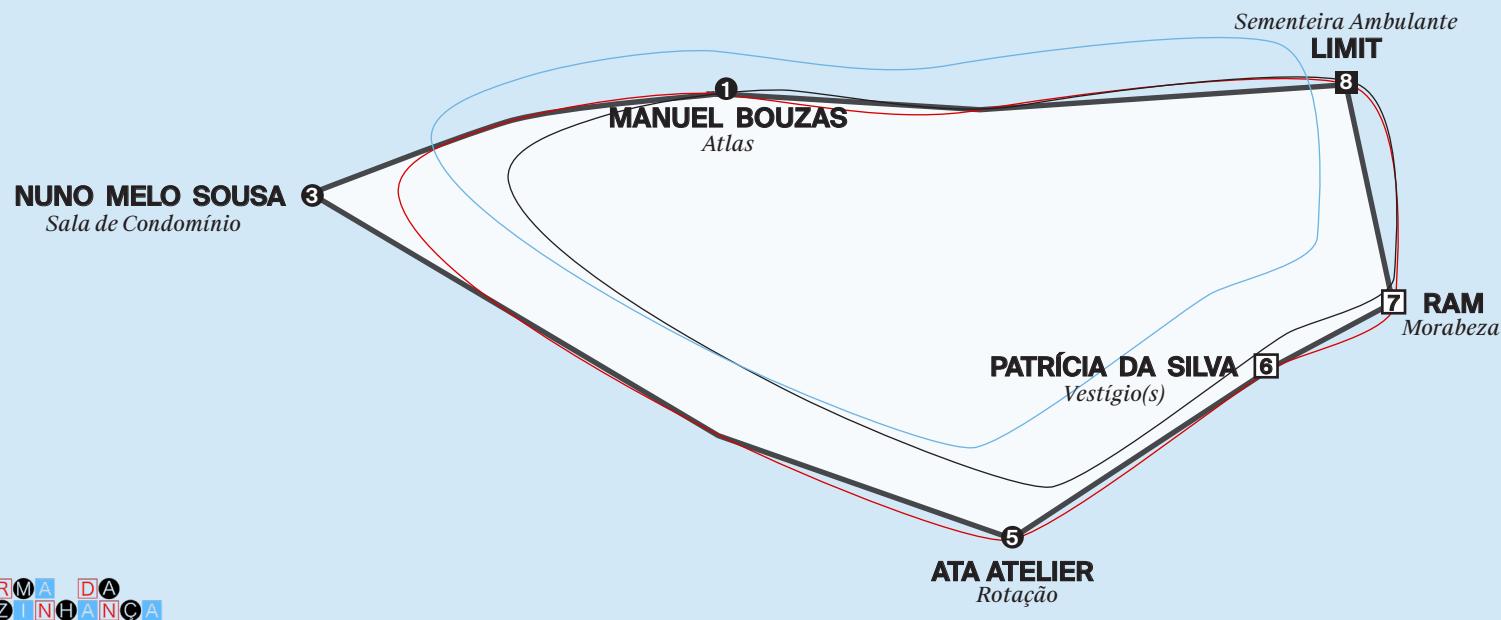
Yves Béhar, "Apollonia 2.0", Porto, 2025.
Produção/ Production



Etapas de montagem.
Assembly steps.

Integrado no programa da Braga 25 – Capital Portuguesa da Cultura, o festival Forma da Vizinhança propõe uma reflexão sobre a cidade a partir das suas margens, hortas, quintas e bairros habitacionais. Curado por Fernando P. Ferreira e Daniel Pereira (Space Transcribers), o projeto parte da ideia de que o espaço urbano é também um espaço de escuta, e que a arquitetura pode ser uma forma de conversa entre vizinhos, territórios e tempos. A ArtWorks foi parceira técnica do festival, responsável pela produção e montagem das seis instalações principais. Cada projeto partiu de um contexto específico – uma horta, um bairro, uma praça – e procurou responder ao mesmo desafio: construir com os materiais do lugar, com poucos recursos e com a comunidade por perto. As part of Braga 25 – Portuguese Capital of Culture, the festival Forma da Vizinhança ("The Shape of the Neighbourhood") proposes a reflection on the city through its margins, gardens, and neighbourhoods. Curated by Fernando P. Ferreira and Daniel Pereira (Space Transcribers), the project begins with the idea that urban space is also a space of listening – and that architecture can become a conversation between neighbours, territories, and time.

ArtWorks acted as the festival's technical partner, responsible for the production and assembly of six main installations. Each project emerged from a specific context – a garden, a neighbourhood, a square – and responded to the same challenge: to build with the materials at hand, with few resources, and in close relation to the community.



"Rotação" ATA Atelier

Instalada na Quinta da Capela, Rotação é uma estrutura circular que emerge do próprio terreno, como se tivesse sido desenhada pela passagem do tempo. O projeto resulta de um processo de escuta da vizinhança e de observação das dinâmicas quotidianas do local, conduzido pelos curadores. A instalação reutiliza excedentes de obra – tijolo, ferro e rede mosquiteira – para criar um abrigo onde parede, cobertura e estrutura se fundem num único gesto construtivo.

O espaço é pensado como uma pausa no percurso: um lugar para descansar, conversar, observar o movimento das pessoas e das árvores. A sua forma circular sugere o retorno, o ciclo, a vizinhança como algo que gira e se transforma. Na produção, a ArtWorks trabalhou a adaptação dos materiais reaproveitados, garantindo a estabilidade e a montagem em contexto natural, respeitando a simplicidade do desenho original.

Installed at Quinta da Capela, Rotação ("Rotation") is a circular structure that seems to rise from the ground itself, as if drawn by the passage of time. The project resulted from a process of listening and observation of the local community, guided by the curators. The installation reuses construction leftovers – brick, iron, and mosquito net – to create a shelter where wall, roof, and structure merge into a single continuous gesture.

The space is conceived as a pause within the path: a place to rest, converse, and observe the rhythm of people and trees. Its circular form evokes the idea of cycle and transformation – of neighbourhood as something that turns, grows, and renews itself. ArtWorks worked on adapting the reused materials, ensuring structural stability and on-site assembly in a natural environment while preserving the simplicity of the original design.



"Morabeza"
Colectivo RAM

Na Quinta das Lameiras, Morabeza propõe um espaço de hospitalidade e encontro, inspirado no conceito cabo-verdiano que dá nome à obra – uma palavra que significa acolhimento, gentileza e partilha. A instalação cria uma zona de transição entre a horta urbana e o parque de merendas, desenhando um ponto intermédio entre o trabalho e o descanso.

A estrutura é composta por um cubo em barrotes de madeira e uma pele octogonal em aço galvanizado e rede metálica, construída com materiais reutilizados. A luz atravessa as suas superfícies, criando sombras móveis que acompanham o ritmo do dia. A ArtWorks apoiou a produção e montagem da estrutura, especialmente nas ligações entre madeira e metal, assegurando a resistência e a leveza necessárias a uma peça aberta e pública.

At Quinta das Lameiras, Morabeza explores the Cape Verdean concept that gives the work its name – an expression of hospitality, openness, and conviviality. The installation creates a meeting point between an urban garden and a picnic area, a threshold space between work and rest.

The structure combines a timber frame cube with an octagonal skin made of galvanised steel and wire mesh, built entirely from reused materials. Light filters through the mesh, generating moving shadows that follow the course of the day. ArtWorks supported the production and assembly of the structure, focusing on the joints between wood and metal to ensure the stability and lightness required for a public, open-air installation.



"Vestígio(s)"
Patrícia da Silva

Localizada na zona industrial da Makro, Vestígio(s) confronta o passado e o presente de um espaço em transformação. Dez chapas curvas de aço, calandradas e sem acabamento, envolvem a base de uma antiga fonte abandonada, formando um anel que protege e ressignifica o local. A oxidação natural das chapas transforma o tempo num material ativo, integrando o envelhecimento como parte da obra.

No interior, o espaço torna-se um pequeno jardim resguardado, um lugar silencioso entre o trânsito e os armazéns. A ArtWorks executou todo o processo de fabrico e montagem: calandragem das chapas, soldadura, aparafusamento e fixação em solo irregular. Um trabalho de precisão que respeita o caráter bruto e temporal da proposta.

Located in the Makro industrial zone, Vestígio(s) ("Trace(s)") confronts the past and present of a changing landscape. Ten curved steel plates – calandered and left unfinished – surround the base of an old fountain, forming a circular enclosure that redefines the site. The natural oxidation of the metal transforms time into an active material, making weathering part of the work itself.

Inside, the space becomes a small sheltered garden, a place of quiet between roads and warehouses. ArtWorks carried out the entire fabrication and installation process: plate forming, welding, bolting, and anchoring on uneven ground. A precise, deliberate construction that preserves the raw, temporal character of the piece.



"Sementeira Ambulante"

LIMIT Architecture Studio



Para a Horta Urbana da Quinta da Armada, o estúdio LIMIT concebeu um dispositivo modular que cruza arquitetura, pedagogia e agricultura. Construída em painéis de policarbonato e chapa curva, a estrutura funciona como sementeira estática – para germinação e estudo – ou móvel, quando montada sobre um atrelado do tamanho de um talhão.

Ao deslocar-se entre hortas e bairros, a Sementeira Ambulante torna-se veículo de troca de sementes, saberes e práticas agrícolas, funcionando como mediadora entre agricultores urbanos e novos públicos. A ArtWorks foi responsável pela produção integral, com especial atenção às ligações modulares e à resistência dos materiais durante o transporte e o uso contínuo.

For the Urban Garden of Quinta da Armada, LIMIT Architecture Studio designed a modular device that merges architecture, pedagogy, and agriculture. Built with polycarbonate panels and curved sheet metal, the structure functions as a static seedbed for germination or as a mobile unit when mounted on a trailer the size of a garden plot.

Travelling between gardens and neighbourhoods, the Sementeira Ambulante ("Travelling Seeded") becomes a vehicle for sharing seeds, knowledge, and agricultural practices – a mediator between urban farmers and new publics. ArtWorks was responsible for full-scale production, ensuring modular connections and material resistance during transport and use.



"Atlas" Manuel Bouzas



Na Praça das Fontainhas, Atlas ergue-se sobre o tanque existente como uma estrutura leve e precisa. O pavilhão parte de três vigas de aço reutilizado – duas longitudinais e uma transversal – que sustentam uma cúpula de madeira construída com o sistema Lamella, uma grelha curva e modular de ripas diagonais.

Entre a técnica e o gesto manual, Atlas cria um abrigo efémero que devolve centralidade a um espaço esquecido, revelando a dimensão poética da construção. A ArtWorks realizou a produção e montagem completas, desde a execução das vigas metálicas à pré-fabricação da cúpula de madeira, articulando engenharia e artesanaria numa única estrutura.

At Praça das Fontainhas, Atlas rises above an existing stone tank as a light and precise pavilion. The structure is built from three reused steel beams – two longitudinal and one transversal – supporting a timber dome constructed with the Lamella system, a curved modular grid of diagonal slats that is both self-supporting and lightweight.

Between engineering and craft, Atlas forms an ephemeral shelter that restores meaning to an overlooked public space, revealing the poetic potential of construction. ArtWorks executed the full production and installation process, from the fabrication of the steel beams to the prefabrication and assembly of the wooden dome, bringing technical precision and artisanal process into dialogue.



Nuno Melo Sousa

No bairro das Parretas, Sala de Condomínio intervém na escadaria central de um conjunto habitacional, transformando um espaço de passagem num espaço de encontro. A estrutura – composta por duas paredes e um pavimento em módulos de aço galvanizado – foi pré-montada em fábrica e aparafusada no local, sem necessidade de fundações.

Mais do que uma peça arquitetónica, a intervenção propõe uma ideia: a de que o espaço comum pode ser construído a partir daquilo que já existe. A ArtWorks assegurou a execução e a montagem da estrutura metálica, desenvolvendo sistemas de encaixe rápido e modular que permitiram adaptar-se às condições específicas do terreno.

In the Parretas neighbourhood, Sala de Condomínio ("Condominium Room") transforms the main staircase of a housing complex into a shared space. The intervention consists of two walls and a floor made of galvanised steel modules, preassembled at the factory and bolted on site without the need for foundations.

More than an architectural object, the project proposes an idea: that the common space can emerge from what already exists. ArtWorks handled the fabrication and installation of the metal structure, developing a quick-assembly modular system adapted to the particular conditions of the site.



Horóscopo ArtWorks 2026

Carneiro - Aries

A tua pressa vai resolver um problema às 9h e criar outro às 9h03. Em 2026, confirma duas vezes antes de dizeres 'eu trato'.

Touro - Taurus

Um artista quer mudar tudo "só um bocadinho". Aguenta firme, ele desiste. A tua teimosia poupa dinheiro e paciência à equipa.

Gêmeos - Gemini

Explicas ao cliente três opções em menos de um minuto. Ele não percebe nenhuma. No fim, decides tu. Outra vez.

Carangueijo - Cancer

Alguém fala alto na fábrica e passas o resto do dia a achar que é contigo. Não é. Nunca é.

Leão - Leo

Dás a melhor frase da reunião. Ninguém comenta. Vais passar o resto do dia a processar isso, é normal.

Virgem - Virgo

Detectas um defeito invisível para qualquer um. Salvas o projeto. Depois passas vinte minutos a medir o que já estava medido.

Balança - Libra

Vais passar demasiado tempo a decidir entre duas opções idênticas. No final, alguém decide por ti... e está tudo bem.

Escorpião - Scorpio

Sentes que alguém escondeu um erro, investigas e confirmas. Tens razão, outra vez, e ninguém fica contente com isso.

Sagitário - Sagittarius

Tentaste um truque que podia ter corrido muito mal. Mas correu bem. E agora ninguém te cala.

Aquário - Aquarius

Reclamas que tens demais para fazer, mas também não confias em ninguém para fazer contigo. Em 2026, escolhe um lado.

Capricórnio - Capricorn

Mexas numa coisa sem avisar e agora já ninguém sabe como estava antes. Em 2026, deixa rasto. Pelo menos uma nota.

Peixes - Pisces

Percebes o artista sem ele falar. Mas esqueces-te de que las fazer logo a seguir. Mantém notas por perto.

Artistas / Artists

Adriana Barreto José António Nobre
Aires Mateus José Bechara
Aka Corleone José Maia
Alban Wagener José Pedro Croft
Ângela Ferreira João Cutileiro
Álvaro Negrello João Louro
Álvaro Siza Vieira João Mendes Ribeiro
Ana Aragão João Pais Filipe
Ana Resende João Pedro Trindade
Ander Bados Sesma & João Pimenta Gomes
Miguel Ramón López Joyce Billet
Andrea Santana Jota Mombaça
André Tavares Julião Sarmento
Anne Imhof Jérémie Panjeanc
António Bolota Kampus
ATA, Atelier Kyra Nijssens
Barbas Lopes Arquitectos Laura Vinci
Beatriz Brum Letícia Costelha
Beatriz Manteigas Leong Leong
Belén Uriel Limit
Berru Luis Lecea Romera
Borderlovers Luisa Mota
Cabrita Luisa Jacinto
Campo Arquitectura Luisa Mota
Carincur Manuel Bouzas Barcala
Carlos Arteiro Manuel Pacheco
Carles Olivier Maria C. Ferreira
Carolina Grilo Santos Maria Paz
Carrilho da Graça Maria Trabulo
Cardiff Miller Marie Hazard
Catarina Real Marta Bernardes
Charity Hamidullah Marta Machado
Christian Lagata Matali Crasset
Clanet & Brito Matias R. Aleman
Collective X Mauro Cerqueira
Common Accounts Mauro Ventura
Cristina Ataíde Marryam Moma
Cristina Mejias Miguel C. Martins
Célia Ledon Miguel V. Baptista
Dan Graham Mircea Anghel
Dalila Gonçalves Mónica de Miranda
Daniel Moreira & Nuno da Luz
Rita C. Neves Nuno Melo Sousa
David Mayol Nuno Pimenta
Dayana Lucas Nuno Viegas
Débora Silva Nowadays
DEPA Olafur Eliasson
Didier Fiúza Faustino Os Espacialistas
Diller Scofidio + Renfro Patrícia da Silva
Diogo da Cruz Patrício Court
Diogo Passarinho Paula Santos
Dozie Kanu Pedro Barateiro
Edgar Pires Pedro Calapez
Eduardo Souto de Moura Pedro Huet
Entangled Others Pedro Ignacio Alonso &
Ex Figura Pamela Prado
Fahr 021.3 Pedro Moreira
Fala Atelier Paulo Vieitas
Fernanda Fragateiro Philip Glass
Fernando Brito Piny
Fernando Brizio Priscila Fernandes
Filipa Tojal RAM
Filipe Alarcão Rafael Yaluff
Filipe Marques Ricardo Wolfson
Filippo Minelli Rita C. Neves
Flare Design Studio Rita Ferreira
Flávia Vieira Rita GT
Francis Kéré Rita Morais
Francisca Carvalho Rodrigo Hernández
Frida Baranek Roi Salgueiro Barrio
GA Estudio Rudolfo da Silva
Gabriel Calatrava Sagmeister & Walsh
Gil Madeira Sandra Baía
Glória Cabral Sara Bichão
Grada Kilomba Sebastián Baudrand
Guilherme Figueiredo Sechaba Maape
Guilherme Fonseca Silvestre Pestana
Guilherme de Sousa Soft Baroque
& Pedro Azevedo Spacegram
Gustavo Sumpta Sérgio Catumba
Half Studio Sofia Mascate
Henrique Pavão Sónia Vaz Borges
Hilda de Paulo Tales Frey
Hugo de Almeida Pinho Teresa Pavão
Igor Jesus Tiago Ângelo
Inês Lobo Tiago Lédo
Inês Nepomuceno Tiago Madaleno
Inês Norton Tomás Abreu
Isabel Cordovil Tyreis Holder
Isaque Pinheiro Vivian Suter
JBVA, Eugenio Nuzzo Vera Mota
Anatole Poirier, Alex Roux Xavier Veilhan
Jonathan U. Saldanha Yoko Ono
Jörg Ebers Yves Béhar
Jorge Pinheiro Zabra



Equipa / Team Alfredo Lapa, Álvaro Oliveira, Américo Lima, Ana Maria Trabulo, André Coelho, António Esteves, Armando Escobar, Bernardo Bordalo, Bruno Santos, Bruno Lança, Bryan Martins, Carlos Arteiro, Carlos Santos, Carolina Jegundo, Cláudia Santos, Domingos Ferreira, Eduardo Regufe, Carlos Santos, Francisca Barros, Hélder Fernandes, Inês Coelho, Irislén Cisneros, Ivo Pereira, João Carvalho, João Pedro Graça, Jorge Caetano, José Miguel Pinto, Leonardo Sena, Leonor Talefe, Luís Ramos, Maria D'orey, Maria Ribeiro, Pedro Soares, Rui Barros, Sara Serra, Sérgio Pereira, Valentin Neves, Yudamy Sanchez.